

Representações do gênero feminino na ficção e seu impacto no repertório cultural de alunos do Ensino Fundamental II

Laís Rios Berno
Elza de Sá Nogueira



Ficha catalográfica elaborada através do programa de
geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Berno, Laís Rios.

Representações do gênero feminino na ficção e seu
impacto no repertório cultural de alunos do Ensino
Fundamental II / Laís Rios Berno. -- 2021.

142 f. : il.

Orientadora: Elza de Sá Nogueira

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras.
Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

1. Ensino de Literatura. 2. Repertório literário. 3.
Personagens femininas. 4. RPG. 5. Construção de
personagens. I. Nogueira, Elza de Sá , orient. II. Título.

Ficha técnica

Organizadores

Elza de Sá Nogueira

Érika Kelmer Mathias

Luciana Teixeira

Marco Aurélio de Sousa Mendes

Natália Sathler Sigiliano

Patrícia Pedrosa Botelho

Thais Fernandes Sampaio

Universidade Federal de Juiz de Fora
Mestrado Profissional em Letras
2021

Apresentação da Coleção de Cadernos Pedagógicos

PROFLETRAS/UFJF 2021

Érika Kelmer Mathias
Natália Sathler Sigiliano

O mestrado profissional em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora tem assumido, desde a sua constituição, em 2013, o compromisso de um trabalho desenvolvido em prol da capacitação de professores de Língua Portuguesa da rede básica de ensino fundamental, o que tem contribuído para a melhoria da qualidade de ensino da região e do país.

Como uma maneira de formar professores em seu próprio campo de atuação, assim como de impactar professores fora do programa – a quem seja possível o acesso ao conhecimento das práticas de pesquisas realizadas –, a elaboração de produtos educacionais de ensino é inserida como requisito básico da formação dos professores que ingressam nesse mestrado. Desde 2013, esse trabalho esteve integrado à realização de uma prática pedagógica interventiva inserida no contexto de sala de aula em que o professor, agora também pesquisador, atuava.

No ano de 2020, um cenário educacional atípico se revelou em todo o Brasil – e no mundo – devido à pandemia provocada pelo novo coronavírus. Nesse ano, diversos alunos da Turma 6 do PROFLETRAS da UFJF já haviam iniciado, em fevereiro de 2020, a aplicação de suas propostas de intervenção em salas de aula presenciais, e outros tinham planos de fazê-lo ainda nos primeiros meses do mesmo ano. No entanto, como forma de assegurar a saúde dos diversos atores envolvidos na esfera escolar, as aulas presenciais precisaram ser subitamente interrompidas, no país, ao longo do mês de março de 2020. Diante dessa realidade, enquanto as redes privadas puderam rapidamente adotar ações no sentido de implementar um ensino remoto emergencial, adquirindo dispositivos, softwares e programas específicos, as redes públicas só conseguiram iniciar as atividades remotas meses depois do início da suspensão das aulas presenciais. Em alguns estados e municípios, o ensino remoto emergencial só se iniciou no segundo semestre de 2020. Nesse sentido, o impacto nas pesquisas em curso no programa foi muito forte, não somente em função do intervalo de contato entre o professor-pesquisador e sua turma de atuação, como,

principalmente, diante do novo cenário com o ensino remoto, cujas ações foram aplicadas de formas diferentes por estados e municípios: aulas remotas síncronas através de plataformas e/ou aplicativos de mensagens; aulas remotas assíncronas através de plataformas, TVs, material impresso e entregue aos alunos; materiais didáticos organizados pelas redes de ensino, sem a participação do professor; materiais criados e/ou adaptados pelos professores em seus anos e turmas de atuação; além de outras modalidades.

Dessa maneira, sensível a esse contexto, a coordenação nacional do mestrado profissional em Letras, por meio da resolução nº 003/2020, em 02 de junho de 2020, autorizou, de forma inédita, a possibilidade de serem realizadas, no âmbito do programa, propostas de ensino que não necessariamente tivessem caráter interventivo.

Diante disso, a Turma 6 do PROFLETRAS da UFJF colocou-se o desafio de realizar – ou de continuar a realizar - pesquisas as quais, mesmo em um contexto de muita apreensão e angústia quanto à vida e ao trabalho, resultaram em um conjunto de Cadernos Pedagógicos que apresentam características diversificadas quanto à situação de elaboração: alguns deles foram aplicados, mesmo em meio a um cenário atípico de aulas remotas; outros se compuseram de propostas de ações e atividades cujas aplicações poderão ser desenvolvidas futuramente.

É importante destacar também que, assim como todo texto que se constrói em interação com seus leitores, a constituição desses produtos pedagógicos contou – e contará – com uma rede de colaboração de diversos atores: professores e orientadores do programa, professores-discentes do mestrado profissional, professores participantes de bancas de qualificação e defesa, professores-colegas dos discentes do programa, alunos da rede básica que se propuseram a fazer parte das pesquisas e, ainda, professores que poderão conhecer, analisar, modificar e empregar estratégias inspiradas, em alguma medida, por aquelas aqui apresentadas por meio desta coleção.

Todos os Cadernos Pedagógicos tiveram como escopo a ideia de que “a especificidade da formação pedagógica, tanto a inicial como a contínua, não é refletir sobre o que se vai fazer, nem sobre o que se deve fazer, mas sobre o que se faz” (HOUSSAYE, 1995, p.28), no desejo de que esse pensamento guie não somente os autores, mas também os futuros leitores desses Cadernos a reflexões e ações sobre seus próprios fazeres pedagógicos.

É nessa esteira que, mais uma vez, apesar de todos os percalços do momento atual na educação, os Cadernos Pedagógicos produzidos no âmbito do PROFLETRAS/UFJF trazem propostas autorais e inovadoras de ensino de Língua Portuguesa e Literatura, revelando forte compromisso por parte dos professores envolvidos em sua produção com o ensino público de qualidade.

Apresentação do projeto

Cara professora, caro professor,

Na sua prática pedagógica, provavelmente, você, como eu, se deparou com certas ideias ligadas ao gênero feminino proveniente de seus alunos e alunas. Ideias, talvez, não tão certas assim, porque são geralmente enraizadas em uma cultura sexista, machista e preconceituosa. E, por serem amplamente propagadas das mais diversas maneiras na vida (nas convenções sociais, nas obras de ficção, na mídia ou no convívio familiar, por exemplo), parecem ideias perigosamente comuns, tão comuns que podem acabar sendo interpretadas como “a única possibilidade” de se perceber o gênero feminino. Parece claro, pois, o que precisamos fazer para intervir neste problema: apresentar outras possibilidades, outros modelos femininos aos nossos alunos e nossas alunas. E é o pretendemos fazer nas próximas páginas.

Para essa tarefa, apostamos, não à toa, no poder da literatura, porque ela não é apenas um direito inalienável de todos nós, é um direito capaz de humanizar e transformar nós mesmos e o nosso entorno, uma vez que possibilita que os leitores vivenciem experiências diversas àquelas da sua realidade, aprimorando, assim, não apenas seu repertório literário, mas seu próprio repertório de normas.

Dessa forma, desenvolvemos uma sequência de aulas que busca, por meio de um exercício de autoria criativa direcionado à construção de personagens femininas mediado pela ampliação de repertório literário e cultural relacionado à questão de gênero, fazer com que os alunos se conscientizem a respeito dos papéis que a sociedade atribui à mulher e a forma como o gênero feminino é representado na ficção. Então, mais ambiciosamente, também romper com determinados estereótipos rasos concebidos, principalmente, às personagens femininas.

Como base para a construção deste trabalho, como poderá ser visto de forma detalhada na dissertação atrelada a este caderno, utilizamos fundamentos do RPG (Role Playing Game), aliados aos arquétipos de personagem, de Campbell (1949), bem como os conceitos de personagem plana e redonda, conforme Forster (1969), e a questão do ser e parecer, levantada por Todorov (2013). O trabalho também se apoia no conceito de letramento literário (COSSON, 2016, 2018; PAULINO E

COSSON, 2009); de repertório do texto (ISER,1996); de comunidade de leitores (CHARTIER, 1994); de sistema literário (EVEN-ZOHAR, 1990); de gênero, androcentrismo, patriarcado, Machismo e Feminismo (BUTLER, 2010; FEDERICI, 2017; GARCIA, 2015); e de Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987).

Por fim, não entenda, por favor, que pretendemos lançar este caderno como a solução definitiva para problemas tão estruturais e profundos quanto o machismo em nossa sociedade, tampouco desejamos induzir a ideia de que são os professores os principais responsáveis por isso. Antes, propomos expor a necessidade de discutir esse assunto e de utilizar nosso espaço nas salas de aula para esse fim, lançando mão das ferramentas que temos à disposição, como a literatura.

Enfim, esperamos que aproveite bastante este material!

[Clique aqui](#) para baixar a dissertação

Sumário

Informações iniciais	10
Momento 1 – Produção inicial: ficha de personagem	13
Momento 2 – Análise e discussão	15
Etapa 1: Análise das personagens	15
Etapa 2: Discussão dos resultados iniciais	22
Momento 3 – A intervenção	23
Etapa 1: Personagens planas e redondas	23
Etapa 2: Arquétipos de Personagem	29
Arquétipo 1: Herói	31
Arquétipo 2: Sombra	33
Arquétipo 3: Mentor	35
Arquétipo 4: Pícaro	36
Arquétipo 5: Camaleão	37
Etapa 3: Ser <i>versus</i> parecer	39
Etapa 4: Modelos de personagens femininas	42
Etapa 5: o conto de Neil Gaiman, A Bela e a Adormecida	47
Momento 4 – Autoanálise e reescrita	54
Só para finalizar	55
Referências	56

Informações iniciais

O principal objetivo desta intervenção concerne à tomada de consciência pelos alunos sobre os modelos femininos que emergem em seus discursos, bem como a ampliação de seu repertório literário e cultural e, de forma mais ambiciosa, a ruptura de estereótipos usualmente consolidados pela sociedade sobre o que consiste “ser mulher” e seu suposto papel social.

Para tanto, desenvolvemos uma sequência de aulas composta por quatro momentos: o Momento 1 se dedicará à produção inicial, ou seja, à criação das personagens a partir do modelo de ficha de personagem desenvolvido nesta pesquisa; o Momento 2 competirá à análise do professor, que deverá focar nos modelos idealizados de personagens femininas emergidos a partir das produções textuais dos alunos; o Momento 3 centralizará a intervenção em si, apresentando novos conceitos e modelos aos alunos, sendo subdivida em cinco partes, são elas: personagens planas e redondas, arquétipos de personagem, ser versus parecer, modelos de personagens femininas e o conto de Neil Gaiman, A Bela e a Adormecida; E, finalmente, o Momento 4, que consiste na autoanálise dos alunos com relação às suas personagens, na proposta de reescrita dessas personagens e, então, pela nova análise dos resultados pelo professor e posterior avaliação da efetividade da intervenção no cumprimento do objetivo principal desta.

Dito isto, o número esperado de aulas para o cumprimento de todas as etapas é de trinta a quarenta, tendo ainda o professor que dispor de um tempo entre aulas para análise do material.

Outrossim, indicamos ainda a utilização de duas ferramentas para acompanhamento do processo interventivo, quais sejam: o diário de bordo, para anotações do professor sobre as experiências e as informações síncronas às aulas competentes à intervenção; e o diário de leitura, que será utilizado pelos alunos para o registro de todos os exercícios propostos pelo professor durante a sequência de aulas. Ambas as ferramentas oferecem vantagens na documentação de dados importantes para futura análise do professor de maneira mais completa.

Assim, inicialmente, o professor deverá apresentar o diário de leitura aos alunos, indicando que será ali que eles registrarão todas as atividades a seguir, assim, sugerimos que exista um caderno especialmente separado para o fim de diário de leitura, além do caderno pessoal do aluno. Todos os diários de leitura devem ser

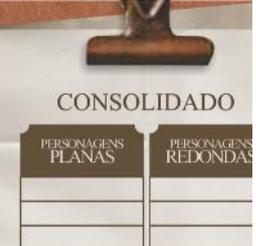
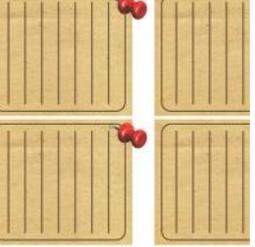
devidamente nomeados (se quiser, pode usar a capa que criamos, disponível para download na lista que colocamos mais abaixo), uma vez que serão recolhidos regularmente para que o professor faça o registro (exponha suas observações em seu diário de bordo). A ideia é que toda a intervenção fique documentada em apenas um espaço de fácil consulta para o aluno.

O diário de leitura será utilizado durante toda a intervenção de modo a proporcionar ao aluno uma fonte de consulta para a execução da produção final e estabelecer um acompanhamento de todas as atividades envolvidas no processo. Indicamos que, antes da ficha de personagem, apresentada no momento 1 a seguir, haja um pequeno questionário, a fim de se obter alguns dados pessoais, como: nome, gênero com que se identificam e idade. Assim, será possível a comparação entre a média e a faixa de idade de alunos e alunas da turma e suas personagens. Isso pode ser feito de maneira simples, por exemplo, na primeira folha do diário de leitura ou na própria capa do diário, como proposta nesta pesquisa, como forma de identificação dos alunos e, além disso, de fonte de dados para o professor sem que isso interfira diretamente na criação da ficha de personagem.

Disponibilizamos, a seguir, a lista completa dos materiais para impressão que nós desenvolvemos. Os arquivos se encontram no formato PDF em tamanho A4 e liberamos o seu uso para aplicação em sala de aula.

Lista dos materiais visuais indicados para esta intervenção que serão utilizados pelos alunos nas atividades propostas

Basta clicar sobre a imagem para baixar os arquivos

			
<p>Capa do caderno pedagógico</p>	<p>Ficha de personagem</p>	<p>Consolidado – pers. planas e redondas</p>	<p>Fotografias – arquétipos de personagem</p>
			
<p>Ingressos – sinopses dos filmes</p>	<p>Folha de recortes de personagens</p>	<p>Notas de avaliação positivas e negativas</p>	<p>Notas de avaliação neutras</p>

Logo abaixo, incluímos um esquema visual para uma compreensão geral de todos os momentos e todas etapas desta intervenção.



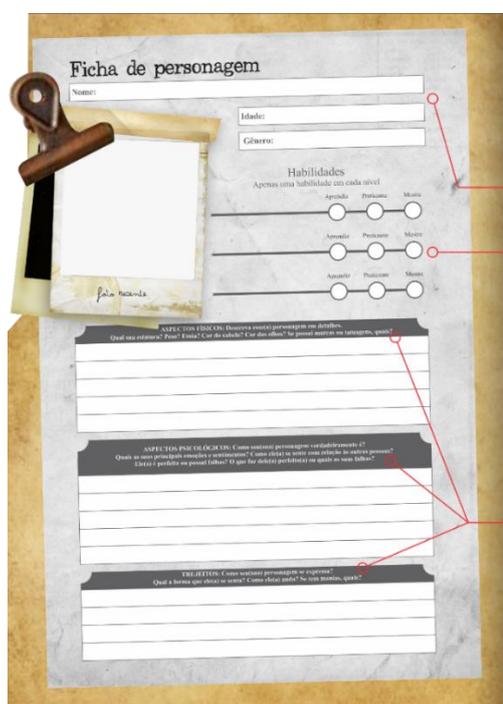
Momento 1 – Produção inicial: ficha de personagem

O principal objetivo deste momento é proporcionar o exercício da autoria criativa e permitir que os alunos utilizem seu repertório. Acreditamos que serão necessárias de duas a três aulas para o cumprimento desta etapa.

O professor deverá aplicar a ficha de personagem ([disponível aqui](#)) de forma individual, isto é, cada aluno criará uma personagem à sua escolha, a que chamaremos de produção inicial. Aqui frisamos a importância de que fique claro para o aluno que se trata de uma criação de personagem que deve ter autoria própria, portanto, não deve ser nem uma réplica de personagens que já existam na ficção, nem de pessoa da vida real, do convívio deles ou não.

A aplicação deve ser feita sem que haja qualquer explicação prévia, principalmente relacionada ao tema deste projeto, com o risco de direcionar as respostas dos alunos e influenciar, dessa forma, nos resultados da pesquisa.

Apesar da ficha de personagem ter sido pensada para ser realizada, em um primeiro momento, de forma autônoma pelos alunos, sem a intervenção do professor, é possível que ocorra a necessidade de explicar algum ponto dos enunciados. Nesse caso, é imprescindível que o professor não faça uso de exemplificação e responda apenas a questões relacionadas a aspectos estruturais da ficha. Para isso, as explicações a seguir sobre a ficha de personagem sugerida nesta intervenção podem ser úteis.

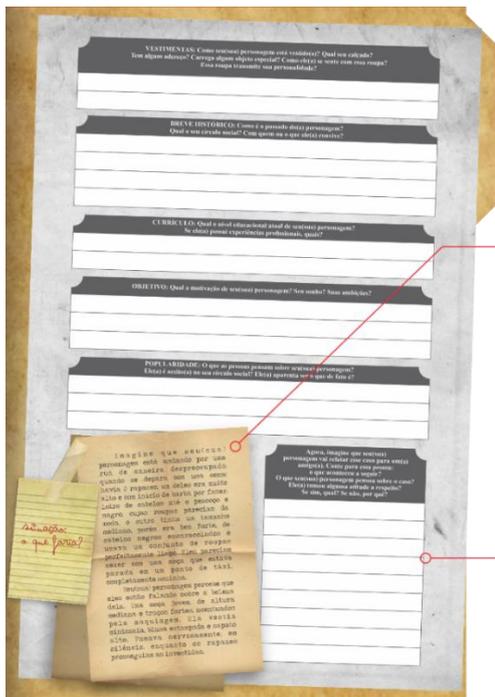


The image shows a character sheet titled "Ficha de personagem" with various sections and annotations. The sections include:

- Nome:** A blank line for the character's name.
- Idade:** A blank line for the character's age.
- Gênero:** A blank line for the character's gender.
- Habilidades:** A section titled "Apenas uma habilidade em cada nível" with three rows of three circles each, labeled "Aprendiz", "Praticante", and "Mestre".
- ASPECTOS PSICOLÓGICOS:** A section with a detailed question: "Quais as suas principais emoções e sentimentos? Como você se sente em relação ao mundo ao seu redor? Como é a vida no mundo lá fora? O que faz você sentir-se bem lá fora?"
- OBJETIVOS:** A section with a detailed question: "Quais os seus principais objetivos e aspirações? Como você se sente em relação ao mundo ao seu redor? Como é a vida no mundo lá fora? O que faz você sentir-se bem lá fora?"
- REFERÊNCIAS:** A section with a detailed question: "Quais as fontes que você usou para criar o seu personagem? Como você se sente em relação ao mundo ao seu redor? Como é a vida no mundo lá fora? O que faz você sentir-se bem lá fora?"

Annotations with red lines point to specific parts of the form:

- Pointing to the "Idade" and "Gênero" fields: "Sempre se refere a dados da personagem, não do aluno."
- Pointing to the "Habilidades" section: "Apenas uma habilidade para cada nível, isto é: 1 habilidade no nível de aprendiz, 1 habilidade no nível praticante e 1 habilidade no nível mestre. Não é possível colocar mais de uma habilidade em apenas um nível, ainda que no nível aprendiz ou praticante. Também não é possível repetir habilidades."
- Pointing to the "ASPECTOS PSICOLÓGICOS" section: "Aprendiz: significa que domina basicamente a habilidade; Praticante: domina satisfatoriamente; Mestre: domina completamente a habilidade;"
- Pointing to the "OBJETIVOS" and "REFERÊNCIAS" sections: "Todas as questões possuem um enunciado mais detalhado a fim de que os alunos consigam realizar a atividade de maneira autônoma."

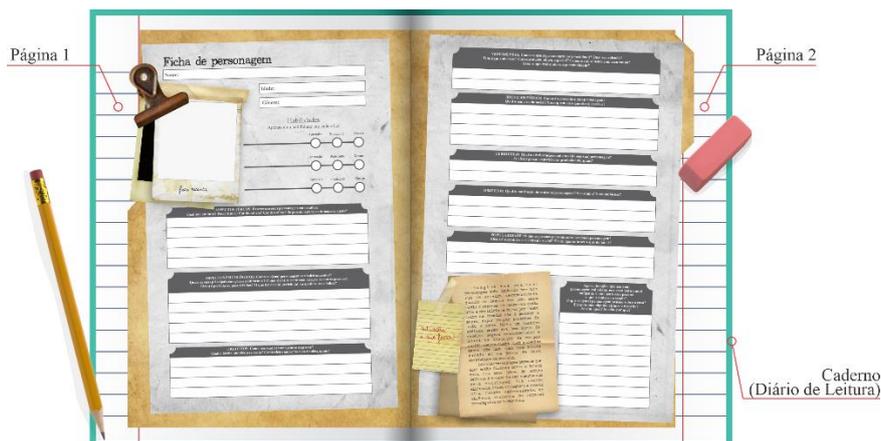


O cenário hipotético foi proposto de maneira a oferecer o máximo de informações possível sem que direcionasse significativamente a resposta dos alunos. É claro que há um "roteiro" que tende a ser lido como assédio na cena, porém tentamos minimizar os estereótipos, oferecendo personagens que não necessariamente se enquadrariam em modelos "perfeitos" de "abusador" e "vítima" aceitos socialmente, isto é, de "homem estranho em um beco escuro" ou "mocinha indefesa". Aqui, tratamos de rapazes que se enquadram em padrões de beleza atuais e uma mulher aparentemente independente.

A ideia aqui é que a personagem do aluno relate como reagiu à cena. O relato pode ser feito em forma de diálogo, como se a personagem estivesse em uma conversa com o amigo, ou na forma de uma pequena narrativa. O importante é que fique bem clara a postura da PERSONAGEM diante à cena hipotética narrada.

É preciso mencionar ainda que mesmo a linguagem do professor deve ser muito bem pensada ao conduzir a produção inicial, de modo que não induza a determinados resultados. Percebemos, por exemplo, durante a aplicação piloto, que a simples utilização do termo no feminino "a personagem" nos enunciados pode ter induzido os alunos à criação de personagens femininas, haja vista que houve um número expressivo de personagens femininas no primeiro modelo da ficha que não se consolidou na aplicação do segundo modelo, que utilizava ambos os gêneros, "o ou a personagem", levando a resultados mais equilibrados no número geral de personagens femininas e masculinas.

Dito isto, o design da ficha de personagem foi concebido de maneira a se assemelhar a uma pasta investigativa quando aberta, assim, é indicado que ela seja colada no diário de leitura do aluno conforme o modelo abaixo.



Momento 2 – Análise e discussão

Etapa 1: Análise das personagens

Esta primeira etapa tem como objetivo principal a análise das personagens criadas pelos alunos em suas produções iniciais, com foco na observação dos modelos idealizados de personagens masculinas e, principalmente, femininas presentes em seus discursos. Como esta etapa acontecerá à parte das aulas, o professor deverá separar um tempo específico dedicado a ela.

Uma vez cumprido o objetivo do primeiro momento, o professor coletará os diários de leitura dos alunos e fará o registro da produção inicial. Indicamos que sejam feitas cópias de todas as fichas, uma vez que os diários serão devolvidos para a realização das etapas seguintes.

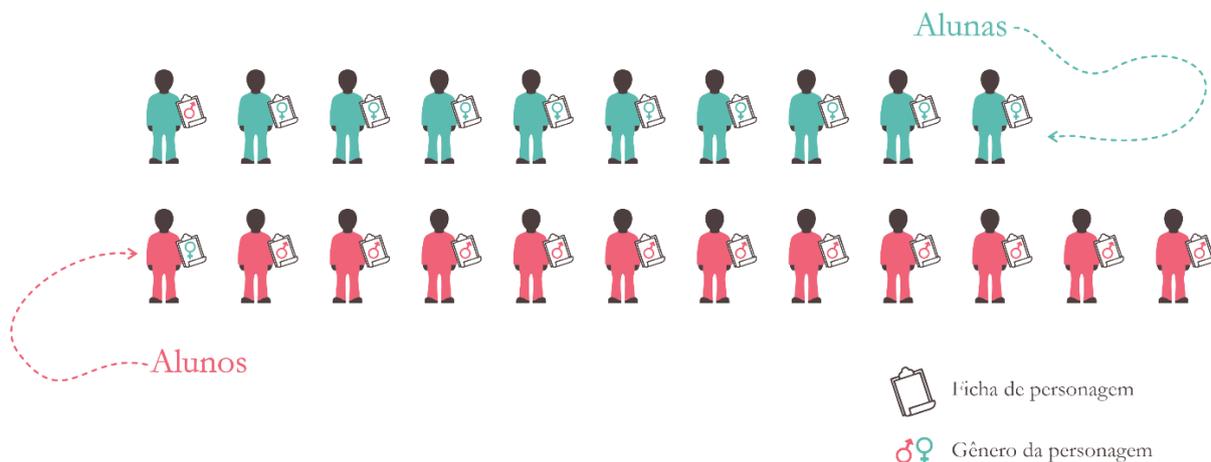
O professor, então, se dedicará à análise quantitativa e, principalmente, qualitativa das respostas dos alunos com o fito de compreender os modelos femininos que emergirão das fichas de personagens. Sugerimos, para tanto, o uso dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Nos próximos parágrafos, trataremos de um exemplo prático de como essa análise pode ser desenvolvida pelo professor.

Primeiro, contabilizamos de forma simples os dados relacionados a gênero e idade, tanto dos alunos, quanto das personagens. A fim de demonstração, vamos apresentar os resultados que obtivemos na aplicação piloto que realizamos com o objetivo de fazer a testagem do método: contabilizamos um total de 22 respostas (somadas as três turmas nas quais foram aplicadas as fichas – em duas escolas distintas, o que não possibilita um enquadre contextual específico neste caso para as turmas de forma a configurar um perfil).

Notamos que houve uma proporção dos gêneros semelhante à realidade, já que a maioria dos alunos criou uma personagem de seu próprio gênero, com exceção de duas situações, em que um aluno do gênero masculino criou uma personagem feminina e uma aluna do gênero feminino criou uma personagem masculina.

Com relação à idade, também registramos um dado relevante: que as personagens femininas são imaginadas mais jovens que as masculinas. Esse dado poderia ser explorado em discussões futuras em sala de aula, em outro momento da intervenção, a partir de reflexões sobre questionamentos como: por que mulheres

mais velhas não são comumente vistas como modelos ou inspiração? Por que aparecem normalmente como bruxas, madrastas malvadas ou simplesmente como antagonistas nas histórias?



Ainda com base em uma análise quantitativa, organizamos as habilidades designadas para cada gênero de acordo com oito agrupamentos, que foram determinados a partir da semelhança categórica entre as habilidades mencionadas pelos alunos:

- Habilidades esportivas: para qualquer menção que se relacionasse a esportes e exercícios físicos. Exemplo: “andar de bicicleta”, “natação”, “andar de Skate” etc.
- Habilidades estéticas: estão relacionadas a tratamento de beleza, cuidado com a aparência ou procedimentos estéticos (ainda que citados profissionalmente). Exemplo: “maquiadora profissional”, “design de sobrancelhas” etc.
- Habilidades acadêmicas: dizem respeito às áreas do conhecimento humano. Exemplo: “Física”, “Medicina”, “Ciência da computação”, “Matemática”, “Arte” etc.
- Habilidades mágicas: incluem aqui todas as menções a feitiços, manipulação da matéria ou habilidades sobre-humanas. Exemplo: “controlar o fogo”, “magia de escuridão”, “poções e feitiços”, “super força” etc.
- Habilidades marciais: são relacionadas a práticas de luta, com ou sem armas. Exemplo: “rajada de shirikens”, “muay thai”, “armas e luta”, “maestria em katanas”, “treinamento policial” etc.
- Habilidades físicas: são aquelas ligadas ao corpo, disposição ou aptidão física. Exemplo: “velocidade”, “rápido”, “força” etc.

- Habilidades pessoais: normalmente aparecem na forma de uma qualidade humana. Exemplo: “humilde”, “bondade”, “diálogo” (entendido como persuasão ou oratória), “cantora” etc.
- Habilidades laborais: se ligam a trabalhos manuais e/ou profissionais sem especificidade que permita incluir nas categorias anteriores. Exemplo: “cozinhar”, “desenhar”, “trabalhar” etc.

Sugerimos que esses agrupamentos (ou categorias) sejam definidos de maneira similar à que fizemos, buscando semelhanças entre as habilidades de forma que permita enquadrá-las em uma determinada categoria para posterior análise relacionada ao gênero da personagem. A partir dessa análise, será possível traçar um perfil sobre quais habilidades estão mais ou menos relacionadas a cada um dos gêneros, como demonstrado na tabela a seguir, que criamos a partir dos dados que coletamos na pesquisa piloto:

HABILIDADES POR AGRUPAMENTO	
PERSONAGENS MASCULINAS	PERSONAGENS FEMININAS
ESPORTIVAS: 18%	ESPORTIVAS: 23%
ESTÉTICAS: 0%	ESTÉTICAS: 23%
ACADÊMICAS: 12%	ACADÊMICAS: 18%
MÁGICAS: 9%	MÁGICAS: 27%
MARCIAIS: 18%	MARCIAIS: 0%
FÍSICAS: 21%	FÍSICAS: 0%
PESSOAIS: 12%	PESSOAIS: 4,5%
LABORAIS: 9%	LABORAIS: 4,5%

Tomaremos aqui como base uma produção realizada por uma aluna X, do sexo feminino, para exemplificação de todo o processo. Salientamos que a ficha usada como exemplo foi aplicada de maneira remota por intermédio do formulário do Google, diferentemente do modelo que é proposto nesta pesquisa, por adequação à situação pandêmica instaurada no ano de sua aplicação.

É claro que, pessoalmente, o professor poderá dar um amparo maior na aplicação da atividade, porém reiteramos o cuidado necessário para que não implique em prejuízo na espontaneidade das respostas dos alunos. Para fins de exemplificação do procedimento usado nesta pesquisa, utilizaremos a personagem Clara.

Primeiro, como já mencionado, captamos as informações básicas de idade e gênero. É interessante que o professor tome nota da idade disposta nas fichas de personagem em relação com o gênero a fim de se obter o intervalo e a média de idade das personagens masculinas e femininas. Na pesquisa piloto aplicada, o intervalo de idade observado foi de 15 a 35 anos para as personagens masculinas, com média (soma de todas as idades dividida pelo número de personagens) de 22 anos, e de 16 a 25 anos para as personagens femininas, com média igual a 18 anos.

Nenhuma informação sobre a aluna que criou a personagem que nos servirá de exemplo será compartilhada nesta pesquisa, de forma que todos os dados expostos a seguir estão relacionados unicamente à personagem fictícia Clara, escolhida ao acaso, simplesmente para fins demonstrativos. Na figura a seguir, nota-se que a idade de Clara está acima da média do gênero feminino observado na pesquisa piloto.

Nome do ou da personagem: *

Clara

Idade do(a) personagem: *

25

Gênero do(a) personagem: *

Feminino

Masculino

Outro

Dados para análise quantitativa inicial.

Quanto às habilidades, é pertinente que o professor catalogue todas elas individualmente e, posteriormente, caracterize-as pelo critério de semelhança. Nesse quesito, as três habilidades atribuídas à personagem Clara remetem ao agrupamento que denominamos habilidades estéticas: “maquiagem (profissional)”, “design de sobrancelhas” e “alongamento de unhas”. As habilidades da personagem podem, como no caso de Clara, pertencer a uma única categoria ou a três categorias completamente diferentes. Por isso, indicamos o registro de todas as respostas antes de estabelecer os agrupamentos.

HABILIDADES DO(A) PERSONAGEM
Escolha 3 habilidades para 0(a) seu(sua) personagem em que ele(a) se destaca. Elas serão divididas de acordo com o nível de dominação que seu(sua) personagem possui para essa habilidade, isso é: em uma delas, ele(a) será MESTRE (ou seja, domina aquilo totalmente), em outra, ele(a) será PRATICANTE (domina de maneira mediana) e, na terceira, APRENDIZ (é iniciante naquela habilidade específica).

HABILIDADE 1: MESTRE *
Maquiagem (profissional)

HABILIDADE 2: PRATICANTE *
Design de sobrancelhas

HABILIDADE 3: APRENDIZ *
Alongamento de unhas

Descrição mais detalhada sobre a atividade e modelo adaptado da questão das habilidades para o *Google Forms*.

Características semelhantes relacionadas ao universo estético.

Apesar de Clara não coincidir com o modelo feminino configurado pela maioria da turma no que se refere à idade, ela o faz com relação ao corpo: trata-se de uma personagem magra e de altura mediana. Não há menção à etnia dessa personagem. Acreditamos que o uso do termo “etnia” possa ter sido um empecilho na compreensão do enunciado, uma vez que muitos alunos não citaram esse ponto, ainda que “respondessem” minuciosamente às demais perguntas-guia do enunciado (como em Clara). Sugerimos, portanto, que o professor esclareça quaisquer dúvidas relacionadas a vocabulário que surjam durante a criação das personagens.

ASPECTOS FÍSICOS: Descreva esse(a) personagem em detalhes. Qual sua estatura? Peso? Etnia? Cor do cabelo? Cor dos olhos? Se possui marcas ou tatuagens, quais? *

1,65 de altura, 60kg, da religião umbanda, nascida no Rio de Janeiro, gosta de animais e plantas e gosta muito de conversar. Seus olhos são castanhos, tem o cabelo castanho com mechas loiras e possui duas tatuagens, uma em homenagem a sua avó e a outra é uma borboleta.

ASPECTOS PSICOLÓGICOS: Como seu(sua) personagem verdadeiramente é? Quais as suas principais emoções e sentimentos? Como ele(a) se sente com relação às outras pessoas? Ele(a) é perfeito ou possui falhas? O que faz dele(a) perfeito(a) ou quais as suas falhas? *

Clara é uma mulher muito tranquila, as vezes fica estressada por conta do seu dia-a-dia que é bastante corrido, mas é muito forte e não deixa nada o abalar. Ela gosta bastante de conhecer pessoas novas e interagir com elas, possui muitas falhas, mas foi com essas falhas que ela se tornou quem é hoje em dia.

Ponto interessante: única a citar aspecto religioso.

Clara é descrita como uma mulher magra, de altura mediana, assim como todas as personagens femininas criadas pelos alunos. Não há menção à etnia. É porém descrita como alguém que usa tatuagens.

Menção à família

Descrição de uma mulher atarefada, forte e sociável. Admite-se que possui muitas falhas e, apesar de não citá-las, considera-as um fator importante para seu crescimento.

Outra característica marcante no modelo feminino observado nesta pesquisa é sua relação com termos que remetem ao núcleo familiar e à preocupação com um determinado comportamento adequado que a personagem deve assumir socialmente. Tais características podem ser observadas de forma muito pontual na personagem Clara, como destacado nas figuras a seguir.

TREJEITOS: Como seu(sua) personagem se expressa? Qual a forma que ele(a) se senta? Como ele(a) anda? Se tem manias, quais? *

Sempre teve modos e postura para ficar em todos os lugares, o andar dela é como o de uma modelo. Tem a chata mania de esquecer seus objetos na casa de amigos e parentes.

VESTIMENTAS: Como seu(sua) personagem está vestido(a)? Qual seu calçado? Tem algum adereço? Carrega algum objeto especial? Como ele(a) se sente com essa roupa? Essa roupa transmite sua personalidade? *

Calça jeans, cropped preto, tênis da nike e usa óculos. Se sente muito confortável com seu estilo de roupas. Sim pois é o jeito que ela recebe seus clientes.

BREVE HISTÓRICO: Como é o passado do(a) personagem? Qual o seu círculo social? Com quem ou o que ele(a) convive? *

O passado de Clara é bem triste, perdeu seu pai em um acidente de caminhão e com isso teve início de uma depressão, mas o tempo ajudou a melhorar tudo isso. Amigos de trabalho e amigos mais íntimos. Convive diariamente com sua mãe e sua avó.

CURRÍCULO: Qual o nível educacional atual de seu(sua) personagem? Se ele(a) possui experiências profissionais, quais? *

Clara fez curso para técnico de enfermagem, mas se apaixonou pela maquiagem e tem um estúdio.

OBJETIVO: Qual a motivação de seu(sua) personagem? Seu sonho? Suas ambições? *

A motivação que faz Clara acordar todos os dias feliz é os conselhos que recebeu do seu querido pai, que sempre desejou o melhor pra vida da filha e o amor de sua mãe que sempre desejou o seu bem. Clara possui muitos sonhos, vários deles já foram realizados graças ao seu esforço e empenho, mas o maior deles agora é o de ter a sua casa própria.

POPULARIDADE: O que as pessoas pensam sobre seu(sua) personagem? Ele(a) é aceito(a) no seu círculo social? Ele(a) aparenta ser o que de fato é? *

As pessoas acham Clara uma mulher muito bonita e forte por conta da sua história de vida, é muito leal a todas as suas amizades e familiares, sim pois é muito simpática e sorri para tudo que e canto.

"Modos e postura" remete aqui a um determinado comportamento que se espera dessa personagem socialmente. O andar de "modelo" é exaltado.

As roupas escolhidas para descrever a personagem não são um objeto de opressão, comprovado pelo fato de que ela se sente confortável ao vesti-las.

O passado da personagem é marcado por tragédia. É interessante pontuar que, talvez, a força relacionada a ela tenha uma ligação direta com a ideia de superação dessas questões.

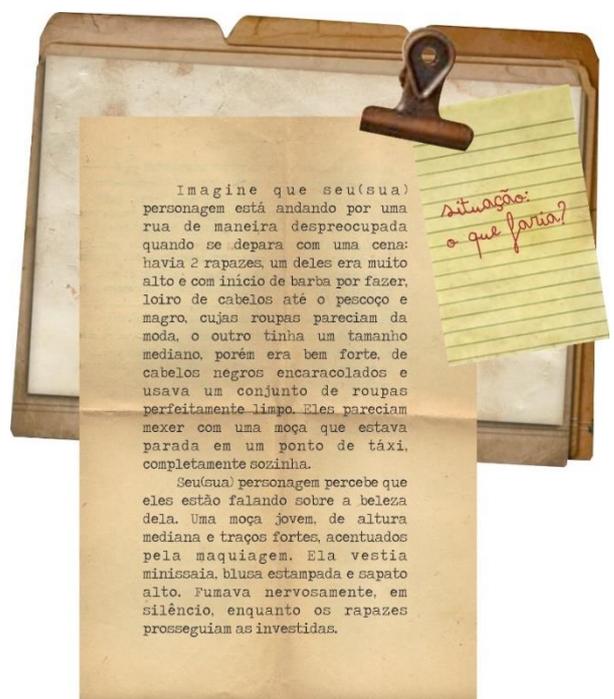
Termos que remetem à família e ao trabalho são bastante explorados na descrição dessa personagem.

A questão profissional é constantemente mencionada. Aqui, temos novamente um termo relacionado ao universo estético ligado ao meio profissional.

Termos ligados ao núcleo familiar.

A personagem é descrita como simpática e bonita, enquadrando-se perfeitamente no modelo feminino que emergiu na pesquisa piloto. O termo forte está de fato relacionado à ideia de superação.

Por fim, apresentamos aos alunos uma cena hipotética, adaptada para o modelo de formulário do *Google Forms*, conforme aplicada na pesquisa piloto, como pode ser vista na figura ao lado (provavelmente, a leitura da imagem não será possível devido ao seu tamanho, contudo, trata-se exatamente da mesma situação presente na ficha de personagem no modelo impresso proposto neste caderno, não tendo havido modificações em seu texto, apenas no design da figura).



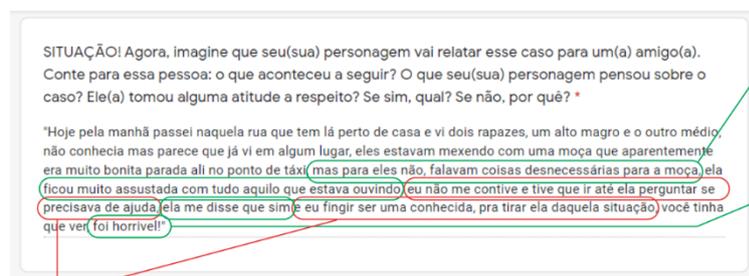
Clara, como a maioria das personagens, apresentou uma postura ativa ao optar por intervir no episódio narrado. Os trechos “mas eles não, falavam coisas desnecessárias para a moça, ela ficou muito assustada com tudo aquilo que estava ouvindo” e “foi horrível!” completam a narrativa, no sentido que preenchem as “lacunas” do texto e marcam a motivação da personagem Clara, que não se “conteve e teve” que resgatar a “moça”, compreendida como vítima. Isto é, a partir das pistas e sugestões implícitas na “situação hipotética”, a aluna constatou que se tratava de uma cena de assédio que precisava ser interrompida. Um ponto interessante, nesse aspecto, é refletir sobre essa quase unanimidade ao depreender o “assédio”. Será que apenas as pistas textuais foram suficientes para que isso ficasse “evidente” ou essa relação com o assédio transcende o próprio texto? Na vida real, essa cena é comum?

Indicamos, portanto, que o professor se atente, principalmente, à:

- reação da personagem diante da cena apresentada (ativa, isto é, ela interfere na ação? Como é essa interferência, violenta ou não violenta? Passiva, ela apenas observa/julga e não interfere? O que a leva a não intervir, neste caso?);
- postura em que se coloca a “moça” (ativa, ela tem alguma ação na cena? Ou passiva, ela se torna uma figurante na cena para que o/a herói/heroína brilhe? É percebida como vítima? Existe um julgamento quanto às suas roupas, maquiagem e/ou atitude?);
- forma como a cena é descrita na resposta dos alunos (trata-se de um assédio? Ou não? Quais termos utilizam para descrever essa cena?);
- atitude dos “rapazes” da cena hipotética (ativa, reagem à intervenção? Reagem agressiva ou pacificamente? Passiva, não reagem ou não há informação sobre a resposta deles à intervenção da personagem? Há alguma informação adicional sobre o que eles falam para a moça ou sobre a conduta que tomam com relação a ela?)

Por fim, feita a análise de todas as fichas de personagem criadas pelos alunos, possivelmente, um modelo idealizado de personagem feminina emergirá de forma mais marcada. A citar, por exemplo, o modelo observado na pesquisa piloto sobre o perfil físico das personagens femininas “moça jovem, com média de 18 anos, branca, magra e de altura mediana”. Cabe pontuar que foi possível conceber modelos,

descritos integralmente na metodologia, ainda que a aplicação da pesquisa piloto tenha se dado de forma remota, em 2 escolas de bairros distintos, em 3 turmas de nono ano diferentes e com alunos que provavelmente não comunicavam entre si. Acreditamos, portanto, que o método poderá ser ainda mais eficaz na expressão de modelos idealizados em uma turma individual, dentro de um contexto específico e com o acompanhamento presencial do professor.



Inferências da aluna sobre as falas que teriam sido proferidas pelos "rapazes" e sobre a reação da personagem "moça". O roteiro compreendido, como na maioria das respostas obtidas, remete a uma cena de assédio. Fato reiterado pelo termo "horrível", usado para descrever a situação.

A atitude da personagem frente à situação hipotética se mostrou ativa, como na maioria dos casos observados nas fichas dos demais alunos na pesquisa piloto: Clara projetou na cena a ideia de assédio e, imediatamente, providenciou o "resgate" da personagem "moça". Apesar do fato de que a estratégia utilizada foi muito semelhante a de outras personagens, a aluna aqui traz a personagem "moça" para a ação da cena quando pergunta se ela precisa de ajuda e recebe um aceno positivo antes de "tirar ela daquela situação".

Etapa 2: Discussão dos resultados iniciais

Esta etapa tem como objetivo a tomada de consciência pelos alunos a respeito dos modelos de personagens, principalmente femininas, que eles produziram a partir de suas fichas de personagem. Indicamos, para isso, uma discussão com a turmas a respeito dos resultados observados pelo professor nas produções iniciais. A estimativa para esse diálogo é de uma a duas aulas.

Assim, com o modelo de personagem feminino em mãos, o professor dará prosseguimento à intervenção. Esse modelo, como no caso da pesquisa piloto, possivelmente, estará em consenso com o que é socialmente exaltado como ideal feminino, principalmente com relação a critérios de beleza física. É importante que o professor fique atento ao papel social desempenhado pelas personagens. Clara, por exemplo, possuía muitos termos relacionados à família e ao trabalho. Tal perfil é comum no Brasil, quando se pensa no elevado número de mães que trabalham fora, ou ainda, como aponta pesquisa, que quase metade dos lares brasileiros é sustentada por mulheres (ESTADO DE MINAS, 2020. disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/02/16/internas_economia,1122167/quase-metade-dos-lares-brasileiros-sao-sustentados-por-mulheres.shtml).

Acreditamos que é importante levar esses dados aos alunos, a fim de que tomem ciência do modelo feminino que idealizam enquanto conjunto social. Isso pode ser feito, neste momento, de maneira despretensiosa. Uma vez que haverá espaços para discussão mais adiante. Indicamos, contudo, que essa discussão inicial, ainda que não extensa, seja registrada no diário de leitura dos alunos e, de forma mais detalhada, no diário de bordo do professor, incluindo comentários que possam surgir a partir da revelação desses dados.

Indicamos, dessa forma, que o professor separe uma página do caderno de leitura com o título “Como é meu modelo de personagem?” e a seguinte “Como é o modelo de personagem da nossa turma?”. A proposta é que eles possam voltar a essas páginas futuramente, toda vez que descobrirem novos conceitos.

A partir dessa discussão inicial, construiremos a ponte para as próximas etapas da intervenção: **mas será que existem outros modelos de personagens possíveis?**

Momento 3 – A intervenção

Etapa 1: Personagens planas e redondas

Esta etapa tem como objetivo a compreensão dos alunos sobre a complexidade psicológica dos seres humanos e o rompimento com estereótipos rasos sobre a percepção do outro por intermédio da apropriação do conceito de personagens planas e redondas. Estima-se um total de cinco a seis aulas para o cumprimento de todos os exercícios indicados nesta fase.

Para iniciar a desconstrução dos estereótipos relacionados a personagens, principalmente do gênero feminino, faremos uso dos conceitos de personagens planas e redondas, segundo Forster. Para isso, utilizaremos duas personagens marcantes no imaginário infantil de dois contextos históricos bastante diferentes: Branca de Neve (do filme “Branca de Neve e os Sete Anões”, Disney, 1937) e Moana (do filme “Moana – Um mar de Aventuras”, Disney, 2017).

É desejável que o professor tenha conhecimento prévio sobre as personagens e suas respectivas obras cinematográficas antes de iniciar esta etapa, a fim de que haja um maior aprofundamento nas reflexões propostas, para isso, indicamos a leitura do capítulo que trata das personagens femininas da Disney da dissertação base deste

caderno. Contudo, também é possível tratar do tema apenas com as informações que firmamos aqui.

O professor disponibilizará para os alunos os banners de propaganda em formato de “ingressos” de “Branca de Neve e os Sete Anões” e “Moana - Um Mar de Aventuras”, ([disponíveis aqui](#)), que trazem, na verdade, as sinopses dos filmes do site AdoroCinema (2021, disponíveis em: <https://www.adorocinema.com>) e pedirá que os alunos os coleem nas folhas seguintes, cada um em uma página, como no modelo abaixo. Nesse ponto, é interessante que o professor peça que os alunos leiam as sinopses, inclusive de forma coletiva. Aqui, é possível chegar ao nome e à função do gênero textual sinopse tanto por meio de perguntas exploratórias aos alunos (“qual é o gênero textual? Para que ele se destina? Qual seu público alvo? De onde foi tirado esse texto? Com base no nome do site e desse gênero textual, sobre o que é esse site? Você encontra a sinopse do filme em ingressos? Por que acham que isso aconteceu aqui?” etc), quanto por explicação direta, à escolha do professor, de acordo com seu contexto.



O professor, então, provocará a participação da turma por meio de um questionamento simples, como: “Vocês já viram ou ouviram falar desses filmes?”. Muito provavelmente, os alunos já terão algum conhecimento sobre essas narrativas, nesse caso, o professor poderá fazer outras perguntas provocativas, como “O que gostaram e o que não gostaram neles?”. A ideia, contudo, é que não se prolongue demasiadamente, uma vez que a principal discussão se dará com base nas sinopses.

O professor apresentará aos alunos, então, as perguntas exploratórias a seguir, que devem ser respondidas no diário de leitura, logo abaixo de cada uma das sinopses dos filmes.

Perguntas exploratórias: “BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES”

- 1) Com base apenas na sinopse, descreva o mais detalhadamente possível cada um(uma) dos(das) personagens a seguir. Tanto características físicas, quanto psicológicas.
 - a) Rainha
 - b) Branca de Neve
 - c) Sete anões
 - d) Bruxa Má
- 2) Ainda com base apenas na sinopse, quais suas impressões sobre cada personagem?
- 3) Qual/quais ação/ações a personagem Branca de Neve efetivamente realiza segundo o texto?

Perguntas exploratórias: “MOANA – UM MAR DE AVENTURAS”

- 4) Com base apenas na sinopse, descreva o mais detalhadamente possível cada um(uma) dos(das) personagens a seguir. Tanto características físicas, quanto psicológicas.
 - e) Moana
 - f) Maui
- 5) Ainda com base apenas na sinopse, quais suas impressões sobre cada personagem?
- 6) Qual/quais ação/ações personagem Moana efetivamente realiza no texto lido?

É possível, apenas por meio da leitura das sinopses, compreender um pouco sobre alguns aspectos fundamentais das personagens centrais dos filmes, uma vez que há pistas sobre elas e a postura delas diante suas tramas. Observemos, primeiro, Branca de Neve:

Uma rainha má e bela resolve, por inveja e vaidade, mandar matar sua enteada, Branca de Neve, a mais linda de todo o reino. Mas o carrasco que deveria assassiná-la a deixa partir e, durante sua fuga pela floresta, ela encontra a cabana dos sete anões, que trabalham em uma mina e passam a protegê-la. Algum tempo depois, quando descobre que Branca de Neve continua viva, a Bruxa Má disfarça-se e vai atrás da moça com uma maçã envenenada, que faz com que Branca de Neve caia em um sono profundo até o dia em que um beijo do amor verdadeiro a faça despertar. (ADOROCINEMA, 2021, disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-27524/>)

Notemos, primeiro, que o único adjetivo usado para a descrever, em “a mais **linda** de todo o reino” está apenas relacionado à sua beleza. Não há menção a nenhuma outra característica de maneira clara. Contudo, a Rainha, além de descrita como “bela” também é relacionada aos termos “má” e “bruxa”.

A Rainha má ainda tem uma série de ações que conduzirão a história, diferente de Branca de Neve. Em todo o texto, o único momento em que Branca de Neve de

fato executa uma ação é descrito no trecho “ela encontra a cabana dos sete anões”. Ou seja, na maior parte do tempo, no texto, ela não é “o sujeito” de sua narrativa, funcionando quase como um “objeto” que “sofre” as ações de outras personagens: a Rainha Má resolve mandar matá-la, o carrasco a deixa partir, os anões passam a protegê-la, a bruxa vai atrás da moça com uma maçã envenenada, a maçã faz com que Branca de Neve caia em sono profundo, até que um beijo a faça despertar. E, neste caso, a sinopse é muito leal ao que ocorre no próprio filme. Pode-se depreender, portanto, que Branca de Neve funciona como uma personagem suporte, apesar de seu nome constar no título.

Em contraponto, há Moana:

Moana Waioliki é uma corajosa jovem, filha do chefe de uma tribo na Oceania, vinda de uma longa linhagem de navegadores. Querendo descobrir mais sobre seu passado e ajudar a família, ela resolve partir em busca de seus ancestrais, habitantes de uma ilha mítica que ninguém sabe onde é. Acompanhada pelo lendário semideus Maui, Moana começa sua jornada em mar aberto, onde enfrenta terríveis criaturas marinhas e descobre histórias do submundo. (ADOROCINEMA, 2021, disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-225958/>)

Moana é descrita como uma “corajosa jovem, filha do chefe de uma tribo”. Não há foco em sua beleza, mas em sua coragem, argumento respaldado por suas ações. Aqui, já é possível perceber uma mudança importante: Moana, de fato, é o sujeito das ações: “Querendo descobrir mais sobre seu passado”, “ela resolve partir”, “Moana começa sua jornada”, “onde enfrenta” e “descobre histórias”. Mesmo quando “Maui” é citado, ele aparece como acompanhante de Moana, deixando bem claro que o foco da história é a própria moça.

Uma vez que os alunos compreendam essas nuances entre as personagens, é o momento de tratarmos do conceito chave desta etapa: personagens planas e redondas. Forster (2005) acredita que podemos dividir as personagens nessas duas categorias, que, de forma simples, podem ser descritas da seguinte maneira: **as planas**, em “sua forma mais pura, são construídas ao redor de uma ideia ou qualidade simples”, como Branca de Neve, por exemplo. Uma moça boa que, ingenuamente, acaba caindo nas artimanhas da Rainha Má, sua madrasta. Já **as redondas**, são as que possuem mais de uma ideia ou tendência e, portanto, são infinitamente mais complexas, capazes, inclusive, de surpreender o público. Como Moana, que não se conforma em apenas assumir o desejo do pai de se tornar a próxima chefe de sua

família, e vai em busca de respostas sobre sua origem. Ela, como citado na sinopse, enfrenta uma série de desafios, às vezes, desafios tão incomuns ao seu universo que chega a duvidar de sua coragem e capacidade.

Para chegarmos a esses conceitos, indicamos, antes, fazer um exercício simples com os alunos valendo-se de dois materiais normalmente comuns em qualquer escola: uma folha de papel e um globo terrestre (ou qualquer outro objeto esférico). Primeiro, o professor mostrará aos alunos a folha de papel e perguntará quantas faces ela possui. Muito provavelmente, a resposta imediata será dois, frente e verso. Então, o professor perguntará o mesmo sobre o globo terrestre. Também poderá explorar outros fatores, como o fato de a folha ter extremidades visíveis, um ponto de início e fim mais fáceis de visualizar, enquanto a esfera não, enfim. A ideia por trás disso é explícita: chegar à resposta o plano é algo mais simples que o esférico

Transferiremos, pois, essa imagem do exercício aos conceitos dentro do contexto literário, como sugerido no quadro a seguir. Informamos que todas as frases com o marcador  são indicações de discussões orais com a turma, que podem também, à escolha do professor, ser registradas no diário de leitura de forma integral.

 Personagens planas são mais simples, enquanto as redondas são mais complexas. Uma personagem plana apresenta, normalmente uma ideia ou motivação, e tende a não aprender nada em sua história, e nem muda sua essência, enquanto a redonda possui mais facetas, pode em um momento estar muito feliz e motivada, e em outro, completamente arrasada e sem autoconfiança, pode ser descrita como corajosa e, no momento mais delicado, paralisar de medo. É, portanto, uma personagem que aprenderá com sua história e inclusive se permitirá transformar a partir de suas experiências.

Para visualizar essas situações, indicamos que o professor apresente o filme de Moana para a turma e, depois, compare com a trajetória da personagem Branca de Neve. Dado que o filme “Branca de Neve e os Sete Anões” é muito mais simples, em termos de história e de personagens, não sugerimos que seja apresentado em sua totalidade aos alunos, mas alguns trechos-chave, como: a rainha recebendo a notícia do espelho sobre a beleza de Branca de Neve, o plano para matar a princesa, Branca fugindo pela floresta, depois limpando a casa dos anões, sendo enganada pela rainha e depois despertada pelo príncipe.

É importante que fique claro para os alunos que não há mudança significativa na personagem da Branca de Neve, isto é, ela não se torna mais arreada ou

desconfiada depois da traição da madrasta, seja em uma situação de perigo ou praticando uma atividade comum, sua energia não se transforma. Mesmo a Rainha Má é guiada unicamente pelo anseio de ser a mais bela do reino e não tem, em absoluto, nenhuma reflexão sobre o custo desse desejo. Enquanto Moana chega a duvidar de si mesma e de sua capacidade em cumprir a missão, o que pode ser destacado junto aos alunos em contraste com sua fase inicial, certa de que havia sido a escolhida para salvar seu povo.

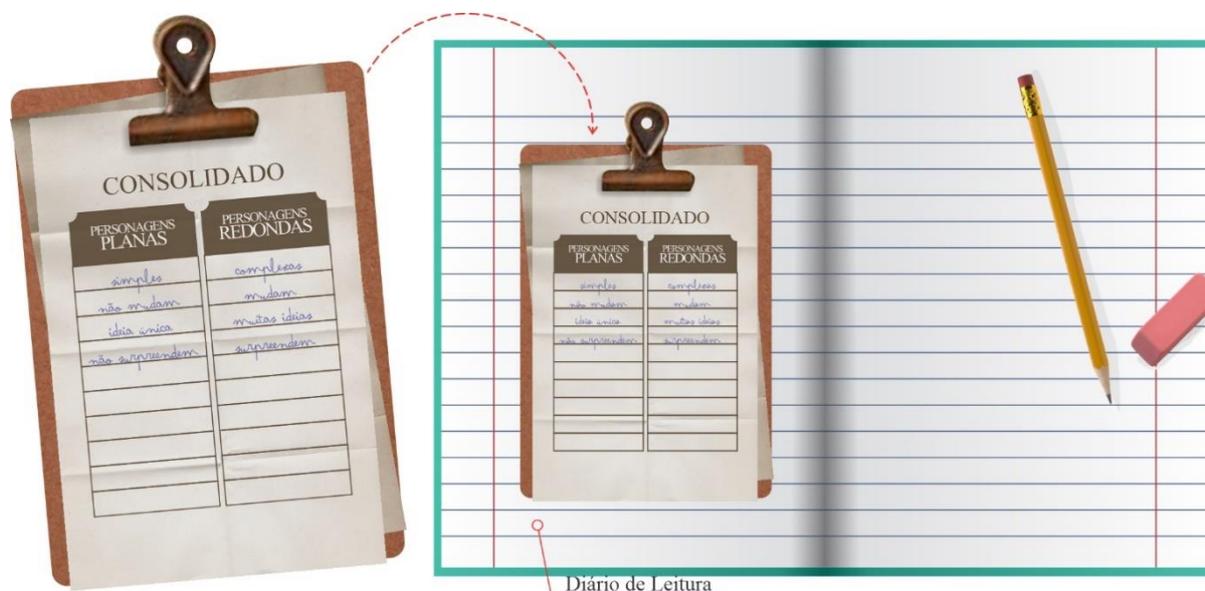
Toda essa discussão pode ser feita ao longo do filme ou depois de assisti-lo. O professor deve ser enfático ao explicar aos alunos a que pontos eles devem se atentar com relação às personagens do filme. Indicamos, portanto, deixar o seguinte quadro à mostra durante toda a exibição:

🔊 Enquanto vocês assistem ao filme, fiquem atentos aos seguintes pontos sobre as personagens:

- *postura* (ativa ou passiva diante dos problemas)
- *aprendizado* (transformou-se ou evoluiu no processo)
- *questionamentos internos* (problematizações sobre si/sobre a jornada)

Indicamos também que tudo seja registrado no diário de leitura em uma página específica para isso, intitulada “Anotações e pensamentos sobre as personagens do filme ‘Branca de Neve e os Sete Anões’ e ‘Moana – Um mar de aventuras’”.

No fim, o aluno deverá ser capaz de estruturar um consolidado ([disponível aqui](#)) sobre os conceitos de personagem plana e redonda, que será colado em seus diários de leitura, como no esquema abaixo:



Então, o professor questionará o seguinte para os alunos, que devem responder também no diário de leitura, logo após o consolidado sobre os conceitos:

- 1) A partir do que você aprendeu sobre personagens planas e redondas, você descreveria a personagem Branca de Neve de que maneira? Justifique.
- 2) E a personagem Moana? Ela pode ser descrita como plana ou redonda? Por quê?
- 3) Agora, falemos sobre sua personagem, aquela que você criou lá no início de seu diário: volte às páginas “Como é meu modelo de personagem?” e “Como é o modelo de personagem da nossa turma?” e descreva um pouco mais sobre elas(eles): são planas ou redondas? Lembre-se de justificar a resposta!
- 4) Pensemos, então, sobre a vida real, as pessoas, os seres humanos: nós somos mais do tipo plano ou redondo? Por quê?

Acreditamos que os alunos perceberão, a essa altura, que nós somos seres mais complexos do que simples, somos feitos de muitas camadas e estamos mais próximos de Moana que de Branca de Neve, por exemplo. E isso é essencial na medida que desejamos quebrar um pouco com a interpretação rasa sobre as pessoas e preparar os alunos para as discussões acerca dos arquétipos, que virá na próxima etapa.

Etapa 2: Arquétipos de Personagem

Esta etapa tem como objetivo, a partir da apropriação dos conceitos dos cinco arquétipos de personagem que trataremos a seguir, propiciar a reflexão dos alunos sobre a complexidade das ações humanas, bem como o contexto e sua interferência nelas. Estima-se que serão necessárias cinco a seis aulas para o cumprimento de todos os exercícios indicados nesta fase.

Essa etapa tem início com uma discussão sobre a complexidade dos seres humanos, que pode ser introduzida a partir da retomada dos conceitos apresentados a eles na etapa anterior. Sugerimos, dessa forma, o quadro a seguir:

 Vimos que as personagens podem ser mais ou menos profundas e que há nomes específicos para cada uma dessas características. Como chamamos quando uma personagem é mais rasa, superficial? E como chamamos quando ela é mais complicada, complexa?

Espera-se que os alunos se lembrem dos conceitos “plano e redondo”. Se não, o professor deverá provocar a memória usando o exercício da folha e do globo, por

exemplo, ou das personagens estudadas, dos filmes, enfim, de todo o processo até que cheguem à resposta.

 Vamos lembrar, então, um pouco mais sobre esse assunto: pensem em outros exemplos de personagens planas (esperar pelas respostas, questionar sobre a escolha dos exemplos). E as redondas? Quais outros exemplos de personagens redondas? (esperar pelas respostas e questionar igualmente o que levou à escolha daqueles exemplos).

Aqui, também é desejável que eles se lembrem desses conceitos sem a necessidade de olhar no diário de leitura e sejam capazes de associá-los a exemplos práticos, de acordo com seu repertório, contudo, se não for realmente possível, o professor pode pedir que abram o consolidado para rever todo o conteúdo e questionar novamente.

Então, o professor dará prosseguimento à atividade, como indicado no quadro abaixo:

 Pensando sobre a questão da profundidade, nós podemos dizer que os seres humanos são personagens mais próximas de Moana que de Branca de Neve. Portanto, personagens redondas tendem a ser mais realistas e são muito mais complexas do que podemos imaginar. Tão complexas que podem assumir diferentes funções. E não estou falando de trabalho.

 Por exemplo, imagina uma pessoa de quem você não gosta de jeito algum. Ela pode ser a vilã da sua existência, causar um mal imenso à sua saúde mental. De repente, quando te vê angustiada por conta de uma prova, ela vai lá e te passa uma dica incrível. Naquele momento, ela não foi sua vilã, naquele momento, pelo menos, ela foi sua aliada. Ela ainda poderá ser a vilã no geral, você ainda poderá desgostar dela profundamente, porém você será obrigado a admitir houve um momento em que ela te socorreu quando você precisou.

 E as pessoas são assim, elas podem assumir funções diferentes a depender do caso. E é assim também com as personagens de ficção. E é o que vamos aprender hoje. Vamos chamar essas “funções” de arquétipos de personagem, que também podem ser entendidos como uma máscara que qualquer personagem ou pessoa da vida real pode assumir em um determinado contexto.

Se o professor optou por apresentar o filme integralmente de “Moana” e os trechos de “Branca de Neve” na etapa anterior, acreditamos que os alunos assimilarão mais rapidamente alguns conceitos de arquétipos a seguir, uma vez que utilizaremos essas mesmas personagens para isso. Não se trata, contudo, de uma obrigatoriedade.

A fim de facilitar a visualização dos alunos, seria interessante a projeção das imagens a seguir e das cenas indicadas de cada filme. Entretanto, se não houver essa possibilidade, o professor poderá utilizar apenas as cópias das fotografias ([disponíveis aqui](#)), nas quais constam todas as imagens que desenvolvemos para recorte e posterior colagem nos diários de leitura dos alunos. A ideia é de que eles escrevam na parte inferior da “fotografia” o nome da personagem e, na página do diário, informações sobre o arquétipo que assumem na narrativa em questão. Como no modelo ao lado. Além disso, é importante, sempre que possível, reiterar aos alunos que os arquétipos são funções e, por isso, as personagens podem assumir diferentes arquétipos a depender do momento ou contexto.



Iniciaremos, então, com o arquétipo do herói.

Arquétipo 1: Herói

Sugerimos que o professor provoque a turma com a seguinte pergunta:

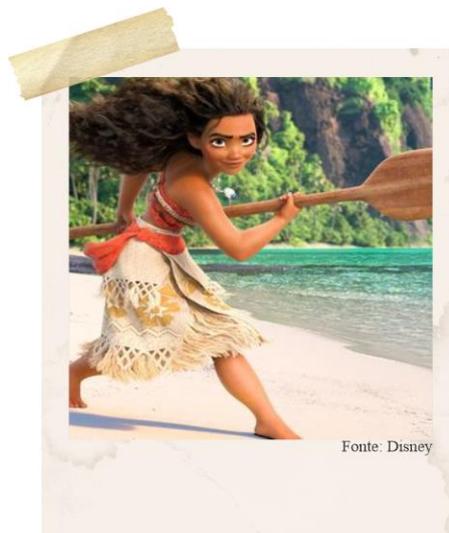
O que é um herói? Podem me dar exemplos de heróis que vocês conhecem?

É provável que surjam nomes de super-heróis, o que é uma relação muito comum de acontecer neste primeiro momento. Se for o caso, o professor poderá direcionar para o seguinte “O que essas personagens têm em comum?”. A ideia é de que cheguem à conclusão de que todas elas, de alguma maneira, ajudam/salvam pessoas colocando, muitas vezes, a si mesmos em perigo. Ou seja, sacrificam-se por um bem maior. E essa é a ponte que desejamos para introduzir o conceito de herói.

Após esse primeiro tempo de discussão, que não deve se estender muito, será distribuída a imagem da “fotografia” de Moana (a seguir). Os alunos poderão refinar o recorte se assim desejarem antes de fazerem a colagem no diário. Feito isso, abriremos o espaço para discussão, que segue sugerida no quadro.

🗨 Quem é essa personagem? Qual o nome dela? (Esperar que respondam “Moana” antes de seguir com as perguntas) E o que Moana tem em comum com esses outros heróis que vocês citaram?

Neste ponto, é importante que os alunos sejam capazes de perceber, ainda que com o auxílio do professor, que Moana também está relacionada à ideia de sacrifício. É desejável, inclusive, que citem trechos do filme que confirmem essa hipótese, por exemplo: deixar de assumir o comando da tribo e arriscar a vida ao partir para a missão de devolver o coração de Te Fiti; ou, no caso de não terem assistido ao filme, também é possível utilizar trechos da sinopse:



“Querendo descobrir mais sobre seu passado e **ajudar a família**, ela resolve partir em busca de seus ancestrais, habitantes de uma **ilha mítica que ninguém sabe onde é**”, quando parte rumo ao desconhecido para ajudar a família e “Acompanhada pelo lendário semideus Maui, Moana começa sua jornada em mar aberto, onde **enfrenta terríveis criaturas marinhas(...)**”, colocando sua vida em risco.

Essa será a base para a introdução do conceito de herói, segundo Campbell (1949), que deve ser explicitado pelo professor oralmente, como demonstrado no quadro seguinte - é vantajoso que a parte sublinhada conste na lousa durante a atividade) - e registrado no diário de leitura, na mesma página referente à Moana.

🗨 Quando falamos de “arquétipo de herói” não estamos sempre nos referindo a super-heróis com capas ou poderes. Normalmente, o herói será o personagem principal de uma história, mas isso não é tudo.

🗨 Há duas questões fundamentais para que um personagem possa ser chamado de herói:

- 1) a capacidade dessa personagem de se sacrificar em nome de um ideal ou pelas pessoas.
- 2) há um crescimento dessa personagem, isto é, ela é capaz de aprender uma lição ou se transformou durante a sua jornada.

🗨 Nesse sentido, por que podemos dizer que Moana é um exemplo de heroína? Anotem em seus diários de leitura as características que fazem de Moana um exemplo do arquétipo do herói.

Depois de lidas e comentadas as respostas dos alunos e a averiguação do consolidado sobre o conceito de herói nos diários de leitura, nos quais constem as características fundamentais citadas anteriormente, o professor deve prosseguir para o próximo arquétipo, “sombra”.

Arquétipo 2: Sombra

🗨 Agora que conhecemos o arquétipo do herói, vamos pensar um pouco sobre outro arquétipo tão importante quanto. Aliás, só existe herói se esse arquétipo existir. Até mesmo a história só existe por causa dele. Qual é o oposto do herói?

O professor deve deixar que os alunos formulem hipóteses. É interessante que eles cheguem à conclusão de que se trata do “vilão” da história, entretanto, caso não cheguem a essa resposta, não há problema, uma vez que isso será discutido a seguir.

🗨 Estamos falando do “vilão”. Vamos chamá-lo de “Sombra” e aprenderemos um pouco mais sobre ele e sua função na história.

No mesmo sentido do arquétipo do herói, serão distribuídas para os alunos as fotografias de “Te Kā”, do filme “Moana”, e de “Rainha Má”, do filme “Branca de Neve” (abaixo).



Em seguida, os alunos deverão anotar os nomes das personagens no espaço abaixo das fotos. Acredito, porém, que, neste caso, será necessário que o professor lembre os seus estudantes do nome dessas personagens e até escreva no quadro para que eles copiem corretamente em seus registros.

Para o arquétipo de sombra, cabe lembrar o professor de alguns pontos importantes relacionados às personagens antes de darmos prosseguimento à atividade:

Em “Moana”, há a grande possibilidade de que os alunos citem Tamatoa, o caranguejo gigante, como um exemplo de sombra. O que é perfeitamente cabível, já que, de fato, ele é uma sombra e sua passagem é bastante marcante no filme, de uma maneira geral. Porém, considerando que o interesse de enfrentar Tamatoa estava relacionado à recuperação do anzol de Maui, o caranguejo está mais ligado à jornada do semideus, com quem tinha uma rixa pessoal, do que à de Moana. Por isso, já que estamos tratando Moana como elemento central, utilizaremos a sombra que de fato guiará a jornada de Moana, representada por Te Kā.

Em “Branca de Neve e os Sete Anões”, a Rainha Má é uma sombra muito expressiva e mesmo inquestionável, uma vez que ela moverá toda a história. Branca de Neve, por outro lado, configura um caso muito curioso, porque ela não se enquadra nas características que utilizamos para descrever um herói (sacrifício e aprendizado).

Diferentemente de Moana, Branca parece não ter outra motivação além de sobreviver ao momento, sequer há um temor de longo prazo sobre a situação de ser perseguida por sua madrasta. Em sua jornada, ela praticamente não faz as escolhas que serão decisivas em sua vida, sendo levada pela história de acordo com as atitudes de outras personagens, principalmente da Rainha Má. Assim, concebemos o conto Branca de Neve mais como a jornada frustrada de uma Rainha Má em busca de um título de beleza proferido por seu espelho, do que de uma princesa que sobrevive a uma série de desventuras. Cito isso porque é possível que, com o exemplo da Rainha Má, surja o questionamento sobre Branca de Neve ser ou não um exemplo do arquétipo de herói.

Voltando à questão do conceito de sombra, o professor apresentará como sugerido no quadro:

 O arquétipo da sombra é importantíssimo na história, pois ele que criará o problema que deve ser solucionado pelo herói. A sombra é um contraponto ao nosso herói, representa uma energia obscura, ou seja, é o oposto dele e, por isso, seu objetivo é a destruição.

 A função da Sombra na história é desafiar o herói e apresentar a ele um oponente à altura em sua luta. As Sombras criam conflito e trazem à tona o que o herói tem de melhor, ao colocá-lo numa situação que ameaça sua vida. Costuma-

se dizer que uma história é tão boa quanto seu vilão, porque um inimigo forte obriga o herói a crescer no desafio.

🗨️ A partir dessas características, quais outros exemplos de sombra vocês conhecem?

🗨️ Anotem em seus diários de leitura as características que fazem de Te Kā e de Rainha Má exemplos do arquétipo da sombra.

Após comentadas as respostas e verificado o consolidado realizado pelos alunos sobre o conceito do arquétipo da Sombra, seguiremos com o arquétipo seguinte, “mentor”.

Arquétipo 3: Mentor

🗨️ Agora que conhecemos os arquétipos de herói e sombra, vamos aprender sobre outro arquétipo importante nas histórias: o Mentor.

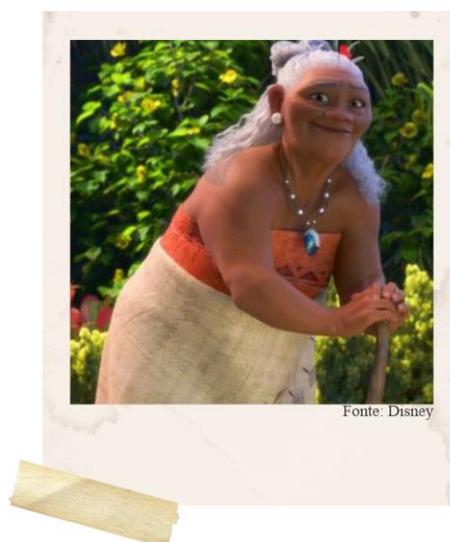
🗨️ O mentor será aquele que vai guiar ou treinar o herói. Esse arquétipo é toda personagem que ensina e protege o herói e vai transmitir certos dons ou informações importantes para a história.

🗨️ Pode ser, por exemplo, Deus ensinando Adão no Jardim do Éden, Merlin guiando o rei Arthur, a Fada-Madrinha ajudando Cinderela, ou um sargento veterano dando conselhos a um recruta novato.

🗨️ Nesse sentido, quem vocês acham que cumpre a função de “mentor” no filme de Moana?

Espera-se, claro, que os alunos se recordem da avó de Moana, Vovó Tala. Indicamos que o professor não ofereça essa resposta de imediato e deixe que os alunos discutam hipóteses. É interessante que eles sejam capazes de identificar as funções na narrativa de maneira autônoma, porém, se achar necessário, o professor poderá fazer perguntas direcionadoras para que cheguem ao resultado.

Quando finalmente estiver claro que se trata de Tala, o professor distribuirá a “fotografia” correspondente à personagem, ao lado, e seguirá os passos posteriores a isso: pedir aos alunos que anotem o nome da personagem no espaço abaixo da fotografia e que a coleem em uma folha do diário de leitura.



- 🗨️ Agora digam, quais outros mentores vocês conhecem?
- 🗨️ Anotem em seus diários de leitura as características que fazem de Vovó Tala um exemplo do arquétipo de mentor.

Esse momento pode ser o mais adequado para discutir com os alunos sobre a forma como a sociedade normalmente percebe mulheres mais velhas: aparecem mais como as “bruxas más”, como em “Branca de Neve”, do que como fontes de sabedoria e tradição, como em “Moana”. Ao passo que homens mais velhos são comumente associados a “mentores” e “sábios”.

É interessante levar à reflexão sobre esse assunto, ainda que não haja uma resposta dos alunos sobre o que leva a essa dicotomia. Uma vez discutidas as respostas dos alunos e verificadas as características que eles citaram para descrever o arquétipo do Mentor, passaremos para o arquétipo “pícaro”.

Arquétipo 4: Pícaro

- 🗨️ Para a história não ficar muito tensa, existe o arquétipo do pícaro, que pode ser um aliado do herói ou da sombra, mas sempre será aquela personagem mais engraçada, ela tem a função de trazer um “alívio cômico”. Quais personagens vocês conhecem que se enquadram nessas características? (Esperar que os alunos citem alguns exemplos, antes de prosseguir) Em “Moana”, uma personagem que cumpre bem esse papel é Hei Hei, o franguinho não muito esperto que a acompanha.

O professor distribuirá, então, a “fotografia” de Hei Hei, ao lado, e pedirá que os alunos, como feito nos arquétipos anteriores, cole a imagem no diário de leitura e escrevam, abaixo da fotografia, o nome da personagem.

Talvez seja necessário que o professor escreva alguns nomes, como Hei Hei, no quadro, a fim de padronizar a grafia.



 No mesmo estilo dos arquétipos anteriores, vocês anotarão em seus diários de leitura as características que fazem de Hei Hei um exemplo do arquétipo de pícaro.

Após um tempo para a execução dessa tarefa, deve-se ler e discutir as respostas dos alunos e verificar suas anotações antes de passar para o último arquétipo que abordaremos nesta intervenção e que precisará de uma atenção um pouco especial, o “camaleão”.

Arquétipo 5: Camaleão

 Muitas vezes, os heróis encontram personagens - geralmente, do sexo oposto - cuja principal característica é que parecem estar sempre mudando, do ponto de vista do herói. É comum que o interesse amoroso do herói cumpra a função do Camaleão, isso é, dúbio, duas caras, ou é espantosamente mutante.

 O Camaleão tem a função de trazer dúvida e suspense à história. Quando os heróis ou heroínas começam a se perguntar: "Será que ela é fiel? Será que vai me trair? Ele me ama de verdade? Ele é meu amigo ou inimigo?", geralmente há um Camaleão presente.

 Este talvez seja um pouco mais difícil, mas qual personagem assume a função de camaleão em um momento do filme de Branca de Neve?

 E no filme de Moana?

Espera-se que os alunos se recordem, aqui, que a Rainha Má transformou-se em uma senhora de aparência simplória, para persuadir Branca de Neve a comer a maçã envenenada. Será mais interessante se surgir algum questionamento no sentido “mas a Rainha Má não é a sombra?”, porque será a oportunidade perfeita para que o professor reitere, de forma mais enfática, que os arquétipos são funções ou máscaras, que as personagens podem assumir uma função diferente na trama ou usar máscaras de acordo com o contexto. Naquele momento, a Rainha Má precisou se disfarçar para enganar a princesa.

Em “Moana”, Te Fiti também assumiu um arquétipo de camaleão quando se transformou em Te Kā, e enganou, ainda que não conscientemente, Moana sobre suas intenções, antes de revelar sua verdadeira identidade. Ainda em “Moana”, o perfeito exemplo de camaleão, contudo, está na personagem Maui, já que ele o tempo todo gera dúvida sobre sua lealdade e está em constante transformação, literalmente se transformando em diferentes animais ao longo do filme.

É importante que o professor consiga expor todos esses fatores para a turma, e pode fazê-lo à medida que entrega as “fotografias” referentes a essas personagens. Assim, indicamos que sejam entregues na ordem: primeiro, Maui, por se tratar de uma representação mais clara da função do arquétipo do camaleão, então Te Fiti e, finalmente, a Bruxa Má.

Salientamos, mais uma vez, que todo o processo deve ser registrado no diário de bordo do professor, a fim de guardar dados importantes e informações relevantes que surgirão durante a aplicação da atividade.

No fim, a modelo dos arquétipos anteriores, o professor deverá pedir que os alunos anotem em suas respectivas páginas quais características dessas personagens são comuns às características do arquétipo de camaleão, seguido pela leitura e discussão dessas repostas.



Arquétipo do camaleão: Maui e Maui parcialmente transformado em tubarão



Arquétipo do camaleão: Te Fiti e Bruxa Má

Nesse ponto, os alunos deverão retornar a seus personagens iniciais e responder às perguntas a seguir no diário de leitura:

- 5) A partir do que você aprendeu sobre os arquétipos de personagens, é possível dizer que, dependendo da situação, nós mesmos podemos assumir diferentes funções, podemos ser o herói, a sombra, o pícaro, o camaleão e até mesmo o mentor. E a sua personagem? É capaz de expressar mais de um arquétipo? Explique.
- 6) Releia a atitude de sua personagem frente à situação problema, no final da ficha, e responda: naquele momento, qual arquétipo a sua personagem assumiu? Justifique sua resposta.

Novamente, é importante que o professor leia e discuta, em conjunto com a turma, as respostas dos alunos sobre essa questão antes de prosseguirmos para a etapa 3.

Etapa 3: Ser *versus* parecer

Esta etapa tem como objetivo levar os alunos a refletirem sobre a questão do ser e do parecer, de Todorov (2013). Estima-se que serão necessárias quatro a cinco aulas para o cumprimento de todos os exercícios indicados nesta fase.

Para essa etapa, utilizaremos duas obras de gêneros textuais distintos: o conto “Chapeuzinho Vermelho”, na versão dos irmãos Grimm (anexo 1), e o trailer do filme “Deu a Louca na Chapeuzinho”, de 2005, dirigido por Cory Edwards (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dN6BGajkptU>).

A motivação desta etapa, em específico, está associada à ideia de ser e parecer. Vamos, primeiro, refletir sobre os julgamentos que fazemos com base em nosso repertório sociocultural e de modelos pré-estabelecidos, depois, vamos questionar e desconstruir esses modelos. Por isso, escolhemos essas duas obras que tratarão de forma pontual essas questões.

Iniciaremos a proposta a partir da leitura do conto “Chapeuzinho Vermelho”. Antes, é interessante que o professor provoque os alunos por meio de perguntas, como no quadro seguinte.

 Como vimos, personagens e pessoas podem ser mais complexas do que imaginamos. Pensemos no caso do arquétipo do camaleão, por exemplo, que pode nos enganar o tempo todo ou nos deixar na dúvida sobre seus interesses.

🗨️ Vamos explorar um pouco mais esse assunto. Eu trouxe para vocês um conto, cujas personagens vocês talvez já conheçam de livros infantis ou de desenhos animados e filmes: Chapeuzinho Vermelho. E antes que reclamem, vou dar um spoiler: a versão que eu trouxe, provavelmente, tem algumas diferenças daquela que vocês conhecem.

🗨️ “Chapeuzinho Vermelho” é um conto de fadas, assim como “Branca de Neve e os Sete Anões”, e, como a maioria dos contos de fadas, não é nada atual. Essa versão foi escrita lá atrás, na Idade Média. E, na Idade Média, as coisas eram muito diferentes, até o conceito sobre criança era bem diferente, porque crianças eram como adultos pequenos, e os contos de fadas, apesar de destinados a elas, naqueles tempos, eram mais macabros e violentos, muitos tinham o intuito de ensinar alguma lição.

🗨️ A versão que leremos foi escrita pelos irmãos Grimm e é datada de 1812.

Se houver essa possibilidade, indicamos que o conto seja impresso e colado nos diários de leitura dos alunos. Pensando nisso, modificamos o formato para duas páginas por folha.

Após a leitura, os alunos deverão responder o seguinte:

1) A partir da leitura, descreva um pouco das características físicas e psicológicas de cada uma das personagens a seguir:

- a) Chapeuzinho Vermelho
- b) Lobo Mau
- c) Vovó
- d) Caçador

É possível, e até desejável, de certa maneira, que os alunos tentem agenciar os conceitos apresentados anteriormente, porém o professor deve ficar atento ao uso indiscriminado ou equivocado deles, principalmente se houver uma tendência à simplificação, como forçar um arquétipo a uma determinada personagem, por exemplo. O que será realmente relevante, contudo, e que deve ser direcionado nesse sentido, é que as respostas realmente apresentem características físicas e psicológicas das personagens, ainda que algumas delas sejam mais fruto do imaginário dos alunos que retiradas efetivamente do conto em si.

O objetivo, com isso, é que cheguem aos modelos comumente mais consagrados sobre essas personagens:

- Chapeuzinho Vermelho: menina, jovem, bonita, inocente, indefesa, etc;
- Lobo mau: criatura monstruosa, malvada, enganadora, ardilosa, vil etc;
- Vovó: senhora, idosa, acamada, doente, indefesa, ingênua etc;

- Caçador: homem, forte, grande, herói etc.

Após esse exercício, o professor apresentará aos alunos o trailer do filme “Deu a Louca na Chapeuzinho”. Acreditamos que não se faz necessária a transmissão completa do filme, uma vez que o trailer já deixa bem claro os pontos mais interessantes para esta etapa: apesar de manter a aparência física já consagrada para essas personagens, apresenta uma desconstrução de todos os estereótipos relacionados aos aspectos psicológicos delas e esse é o grande trunfo do filme, usado em sua propaganda.

No trecho transcrito a partir do trailer no quadro a seguir, percebe-se que, inicialmente, usa-se uma condicional em tom de desafio para o telespectador, se ele acha que conhece a história, com a mensagem implícita “deveria ver esse filme”. Então corta para as conhecidas falas que marcam o clímax do conto da “Chapeuzinho Vermelho”: a cena em que o lobo se revela. Novamente, o narrador desafia o telespectador com a provocação “se acha que conhece a lenda”, cortando para o desfecho da cena, que subverte o sentido original com uma piada proferida pelo Lobo. O narrador, então, volta a tomar a fala para desmistificar alguns conceitos pré-concebidos sobre a história que está anunciando: Chapeuzinho não é tão inocente, o Lobo Mau não é tão mau, a Vovozinha não é tão boazinha e o Lenhador está longe de ser um herói destemido, conjugando com cenas bem escolhidas de Chapeuzinho sendo cínica, do Lobo apanhando de Chapeuzinho, de Vovó praticando esportes radicais e o Lenhador com extrema dificuldade de usar o machado.

Narrador: Se você acha que conhece a história...

Chapeuzinho: "Que mãos grandes você tem, que orelhas enormes você tem"

Lobo: "Nós velhinhas temos orelhas grandes"

Narrador: Se você acha que conhece a lenda...

Chapeuzinho: "E, vovó, que olhos grandes você tem!"

Lobo: "Você vai ficar aqui me encarando dizendo que eu estou ficando um balão?"

Narrador: Pense outra vez!

(...)

Narrador: Uma garotinha inocente... que não é tão inocente.

(...)

Narrador: Um lobo mau que não é tão mau.

(...)

Narrador: Uma vovozinha que não é tão boazinha.

(...)

Narrador: E um lenhador perigosamente... bobo.

Intenciona-se, portanto, que os alunos consigam perceber que nem tudo é o que parece ser, que muitas vezes as aparências não refletem o que há no interior. Pode inclusive soar como um clichê, mas é fundamental para o processo de desconstrução de preconceitos: o nosso repertório sociocultural pode nos enganar.

Para finalizar esta etapa, o professor deverá pedir os exercícios do quadro a seguir, novamente pedindo que os alunos façam o registro no diário de leitura:

2) Depois de assistir ao trailer do filme *Deu a Louca na Chapeuzinho*, quais as principais diferenças que você notou entre a forma como as personagens Chapeuzinho Vermelho, Lobo Mau, Vovozinha e Caçador/Lenhador são descritas no conto dos irmãos Grimm e no filme? Use exemplos para cada uma das personagens.

Será feita, então, a leitura das respostas e, concomitantemente, o professor poderá discutir pontos de destaque nas diferenças e nos exemplos apontados pelos alunos. Feito isso, o professor deverá pedir que os alunos **retornem à página sobre suas personagens** e responder à questão (por esse motivo é a questão de número 7 e não 3, porque dará prosseguimento àquele exercício):

7) A minha personagem é exatamente o que ela parece ser?
a) Se sim, faça uma relação dos pontos de semelhança entre a aparência física/o que as pessoas pensam sobre sua personagem e o que ela realmente é, psicologicamente.
b) Se não, destaque quais pontos se divergem entre a aparência física/a opinião das pessoas sobre sua personagem e verdadeiro eu dela.

Neste ponto, o professor poderá discutir, inclusive, sobre a cena assédio: por que razão a maioria da turma compreendeu a cena como um assédio? Quais pistas textuais levaram os alunos a imaginar esse roteiro? Para reflexão, pode ser produtivo que o professor leve dados atuais sobre o assédio e a violência contra a mulher no Brasil e se a frequência com que isso ocorre na vida real pode ser um fator para que essa cena seja tão facilmente interpretada dessa forma.

Etapa 4: Modelos de personagens femininas

Esta etapa tem como objetivo a ampliação de repertório dos alunos a respeito dos diferentes modelos de personagens femininas a fim de proporcionar reflexão sobre seus próprios modelos. Estima-se que serão

necessárias de 4 a 5 aulas para o cumprimento de todos os exercícios indicados nesta fase.

 Aprendemos até aqui que:

- personagens mais simples são chamadas de planas e as mais complexas de esféricas;
- que as personagens podem ter diferentes funções dentro de uma história e chamamos essas funções de arquétipos. Nós vimos 5 deles: herói, sombra, mentor, pícaro e camaleão;
- que nem sempre a personagem será aquilo que imaginamos dela no primeiro momento, que, inclusive, ela pode ser nada daquilo que concebemos inicialmente.

 Agora, nós vamos ver alguns exemplos de personagens e aprender que elas podem vir em diferentes modelos, a depender do contexto, do tempo em que foi concebida, da tradição cultural etc.

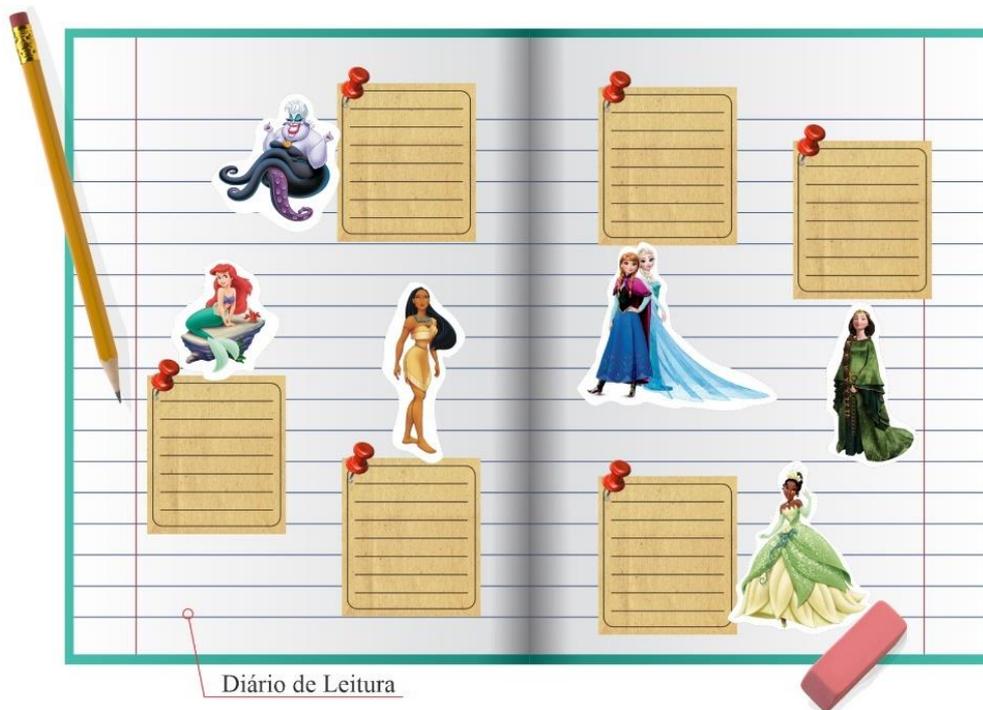
Trabalharemos com as seguintes obras: “Branca de Neve e Os Sete Anões” (1937), “Cinderela” (1950), “A Pequena Sereia” (1989), “Pocahontas” (1995), “Mulan” (1998), “A Princesa e o Sapo” (2009), “Valente” (2012), “Frozen” (2014) e, finalmente, “Moana” (2017), todas dos estúdios Disney. Se o professor achar conveniente, pode ainda utilizar outros títulos e manter a temática de conto de fadas, como “Shrek 2” (2004), da Dream Works, por exemplo, que traz não apenas Fiona, como personagem feminina de destaque, mas a Fada Madrinha, que é a principal vilã do filme.

Preparamos uma “folha de recortes” com as personagens femininas mais marcantes das obras selecionadas ([disponível aqui](#)), sendo necessário fazer uma cópia dela para cada um dos alunos da turma, bem como da folha de recorte de notas likes e dislikes ([disponível aqui](#)). Já a folha de recortes de notas neutras ([disponível aqui](#)), dependerá do número de alunos, uma vez que cada aluno deverá receber 9 notas neutras (sem avaliação).

A atividade é bem simples, na verdade, porém pode trazer alguns dados interessantes, além da introdução ao assunto desta etapa e da provocação inicial. Os alunos selecionarão três personagens dos quais mais gostam e três dos quais menos gostam, podem inclusive ranqueá-los, se quiserem, e colarão essas personagens em duas páginas diferentes, esquerda para bem avaliados e direita para mal avaliados, como indicado na figura a seguir. As demais personagens, com avaliação neutra, deverão ser coladas nas folhas seguintes, em grupos de três, conforme modelo. Feito isso, os alunos irão colar, próxima à personagem, a nota referente a ela, especificando os motivos que levaram àquela avaliação (positiva, negativa ou neutra).



Diário de Leitura



Diário de Leitura

Uma vez que todos completarem essa tarefa, o professor, então, fará um momento de discussão com a turma sobre o *ranking* de cada um. Todo esse processo, deve ser registrado com atenção, inclusive para comentários que talvez possam surgir no sentido de reclamar da seleção das personagens, como “mas só

tem mulher”, “onde estão os homens?”, “não tem nenhum personagem legal” etc. O professor poderá instigar, nesse caso, reflexões sobre essa questão, como se o fato de apenas constar personagens femininas incomoda, ou se não há personagem interessante, o que seria um personagem “legal” na concepção daquele aluno.

Também é importante que o professor se atente aos modelos que mais recebem avaliação positiva e quais recebem mais avaliações negativas, assim como as razões que os levaram a essa avaliação.

O professor poderá tratar de cada personagem problematizando questões pontuais, como sugerido no quadro a seguir. É desejável que o professor forneça informações, sem, contudo, apresentar respostas prontas para os alunos.

 Vamos falar um pouco sobre a nossa velha amiga Branca de Neve. O filme dela é o longa-metragem mais antigo da Disney, lançado em 1937. Foi o primeiro em cores de animação do mundo e um sucesso imediato naquela época. É claro que, hoje, com toda tecnologia que temos, 3D, 6D, realidade ampliada e tudo mais, isso não parece grande coisa, mas, naquela época, era a última tendência.

 Branca de Neve é a princesa mais jovem da Disney, com 14 anos, e também faz parte do grupo das princesas “clássicas”, as mais antigas, junto com Cinderela, por exemplo, que é dos anos 1950.

 Quais aspectos elas têm em comum?

O professor deve instigá-los a pensar pontos de referência específicos simples, como: histórias com princesas, príncipes e bruxas, e então partir para discussões mais profundas sobre os modelos femininos dessas histórias (normalmente centradas em uma princesa indefesa, Branca de Neve e Cinderela, vítima da perseguição de uma vilã, Rainha Má e Lady Tremaine, e, posteriormente, objeto de afeto de algum príncipe encantado, que a salvará de um destino cruel, o sono eterno, no caso de Branca, e a vida de servidão, no caso de Cinderela). O “final feliz” tão sonhado normalmente está atrelado ao casamento. A aparência também é um ponto importante a ser discutido, uma vez que são personagens brancas, magras, jovens e, portanto, dentro das características que todos os alunos usaram para descreverem suas próprias personagens.

Por fim, todas as personagens devem ser exploradas, devendo o professor fazer uma breve explicação, como demonstrado com Branca de Neve e Cinderela. Sugerimos sempre informar a data de criação dos filmes, para que os alunos

entendam que a forma do o olhar sob o feminino vem mudando com o passar dos anos, as observações abaixo poderão embasar um pouco a discussão nesse sentido:

Se Branca de Neve não é uma personagem ativa em sua história, lançada no fim dos anos 1930, já se percebe uma mudança nesse sentido em “Cinderela”, dos anos 1950, que pode ser até explorada em sua própria casa pela madrasta e pelas irmãs, mas decide ir ao baile por conta própria, ainda que impedida pelas suas carrasças.

Ariel, em “A Pequena Sereia”, de 1989, já demonstra a ideia de liberdade de escolhas de forma mais expressiva, quando decide fugir de seu mundo para explorar o universo humano, ainda que sua motivação principal seja príncipe Erik.

Pocahontas, em meados dos anos 1990, já não se prende a ordens e costumes que não fazem sentido para ela para defender aquilo que acredita, é fiel à sua intuição. Além disso, há uma relação muito próxima entre ela e outras personagens femininas, como sua amiga da aldeia e, principalmente, e sua avó Willow, que representa toda a força da tradição de seu povo. Pouco tempo depois, em 1998, virá Mulan, que desafiará todo o preconceito relacionado a seu gênero sob o risco de pena de morte a fim de tomar o lugar de seu pai na guerra. Mulan e Pocahontas, inclusive, quebram um pouco do estereótipo branco e europeu que vinha estabelecido para as personagens femininas da Disney até então, trazendo, respectivamente, uma asiática e uma nativa norte americana. Em 2009, Tiana surgiria como a primeira princesa negra da Disney, representando um modelo feminino muito ligado ao trabalho e ao chamado “sonho americano”, “A princesa e o Sapo” foi também o último filme a ser lançado pela Disney que seguiu o estilo de animação tradicional.

Merida, em 2012, inaugurarás as princesas dessa nova geração de animação 3D, e também foi a primeira a não possuir, por escolha própria, um interesse amoroso. Na verdade, o filme “Valente” será direcionado à relação mãe e filha, o principal conflito do filme é justamente as diferenças de pontos de vista e de gerações entre as personagens Merida e sua mãe, Elinor. Enquanto Merida quer viver segundo suas próprias ideias, Elinor é presa às tradições culturais e o problema só se resolveu a partir do momento que essas personagens foram capazes de desenvolver empatia uma pela outra. “Frozen”, um dos maiores sucessos do estúdio, também chega com uma proposta similar ao de “Valente”: trabalhar a relação familiar entre as personagens principais, as irmãs Elsa e Anna. Apesar de inovadoras no que se refere

ao enredo, as personagens remetem ao estereótipo das primeiras princesas no quesito aparência: todas brancas, jovens e magras e de origem europeia.

Contudo, em 2017, “Moana” quebrará novamente essa corrente, trazendo uma personagem que foge dos padrões estéticos até então reproduzido: apesar de jovem, já não é uma moça branca e nem apresenta um corpo tão esguio quanto suas antecessoras e, assim como a personagem Pocahontas, também apresentará um forte laço com a sua avó, que representa a tradição de seu povo e assume o papel de mentora em sua jornada de autodescobrimento.

É interessante também que o professor comente sobre as vilãs clássicas, como a Rainha Má (de “Branca de Neve e os sete anões”), Lady Tremaine, Anastasia e Drizella (de “Cinderela”) e Ursula (de “A Pequena Sereia”). Todas elas apresentam uma relação de competição, tanto motivada por inveja (principalmente relacionada a padrões estéticos), quanto, no caso de Cinderela e Ariel, em razão do interesse amoroso das protagonistas, de forma que parecia impossível pensar que mulheres podiam desenvolver laços afetivos entre si e admiração mútua. Tomemos Branca de Neve, por exemplo, que conseguiu construir relações afetuosas e verdadeiras apenas com personagens masculinas (caçador, anões, príncipe), assim como sua sucessora Ariel (Linguado, Sebastião e seu pai Tritão), ainda que ela possua um número relevante de irmãs.

Quando o professor concluir o diálogo e a reflexão sobre todas as personagens relacionadas na folha de recorte, a próxima e última etapa deste momento será iniciada.

Etapa 5: o conto de Neil Gaiman, A Bela e a Adormecida

Esta etapa tem como objetivo a ampliação de repertório literário dos alunos e a ruptura de determinados estereótipos relacionados a modelos de figuras femininos. Estima-se que serão necessárias de sete a dez aulas para o cumprimento de todas as atividades sugeridas nesta fase.

Para a realização desta etapa, é preciso que o professor tenha acesso à obra citada acima e realize uma análise prévia dela aos moldes daquela realizada no capítulo “A representação do gênero feminino em A Bela e a Adormecida, de Neil Gaiman”, na dissertação base deste caderno, para uma discussão mais detalhada e profunda com os alunos durante o processo de leitura protocolada.

Apesar de acreditarmos que o contato com o livro seja uma experiência particular mais interessante para os alunos, entendemos que pode estar distante da realidade na maioria das escolas brasileiras. Assim, indicamos que o professor tenha esse material em formato virtual. Diferentemente do que ocorre com o conto de “Chapeuzinho Vermelho”, a obra de Gaiman não está em domínio público, não sendo, portanto, possível compartilhá-la aqui. Contudo, ela pode ser facilmente encontrada de forma integral para *download*, até mesmo gratuitamente, bastando uma rápida pesquisa no Google.

Ainda sobre a obra, o número considerável de páginas talvez assuste o professor em uma primeira impressão, todavia, salientamos que se trata de um conto ilustrado, com maior parte dedicada a essas ilustrações. O conteúdo de texto, portanto, não é tão extenso, o que torna possível sua leitura coletiva com os alunos. Sugerimos que seja feita de forma protocolada, com ênfase nos pontos que discutiremos nos passos a seguir, que dizem respeito a momentos de maior interesse relacionados ao assunto “modelos femininos”, sobre o qual tratamos.

As questões que levantamos, contudo, não se tratam de um engessamento, o professor pode subtrair os tópicos menos relevantes para sua discussão em particular ou adicionar mais informações que julgar necessárias, de acordo com os modelos ou dos tipos de discursos que surgirem durante a aplicação das atividades anteriores por parte dos alunos.

Antes de iniciar a leitura da obra em si, o professor chamará atenção para a capa do livro, fazendo uma pequena provocação, como sugerida no quadro a seguir.

🗨️ Esse conto, que nós leremos juntos, chamado “A Bela e a Adormecida”, foi escrito por qual autor? (Esperar resposta) Pelo título e pelos elementos da capa, vocês acham que se trata de que tipo de história? Por quê? (Esperar que os alunos formulem suas hipóteses)

🗨️ O título que o escritor Neil Gaiman escolheu para seu conto, “A Bela e a Adormecida”, é muito parecido com o nome de um conto de fadas muito famoso, é verdade, “A Bela Adormecida”, de Jacob e Wilhelm Grimm, porém um pequeno detalhe fará muita diferença nessa história. Qual seria esse detalhe e o que ele muda que causa toda essa diferença? (Esperar que os alunos formulem hipóteses)

🗨️ Pois é, esse “e” ali entre “A Bela” e “a Adormecida” revela que não se trata apenas de uma moça bonita que dorme demais, mas duas personagens diferentes. Vamos ver como isso vai funcionar.

Feito isso, o professor seguirá com a leitura até chegar à imagem da Rainha (figura a seguir). Aqui, fará uma pausa para explorar alguns elementos importantes. Indicamos as perguntas direcionadoras no quadro.



Fonte: A Bela e a Adormecida, de Neil Gaiman, 2015

🗨️ Observem agora essa imagem, tanto o aspecto geral da cena, quanto, e principalmente, a personagem em destaque. Em qual conto de fadas conhecido essa personagem pode ter sido inspirada? Por quê? (Esperar que os alunos formulem hipóteses e justifiquem com base no texto e na própria imagem)

A primeira característica mais marcante na personagem talvez sejam os longos cabelos negros destacados, provavelmente, fazendo uma referência à “Branca de Neve” de Jacob e Wilhelm Grimm (2010, p. 72): “Pouco tempo depois, deu à luz uma menininha que era branca como a neve, vermelha como o sangue e negra como o ébano. Chamaram-na Branca de Neve”. No texto, há outras pistas que indicam que se trata da personagem, como os anões, no início do livro, passagens que se referem a acontecimentos anteriores relacionados à rainha que condizem com a história de Branca de Neve, como “Passei um ano inteiro dormindo num caixão de vidro” (GAIMAN, 2015, p. 56), e até mesmo referências mais diretas, “Ela estendeu a mão e acariciou a pele pálida da rainha, que, na penumbra do quarto, parecia quase tão

branca quanto a neve” (GAIMAN, 2015, p. 59). Como não o autor não nomeia a personagem, fica sob a incumbência do leitor o preenchimento desses espaços vazios.

O professor, então, pedirá que os alunos se atentem ao trecho da página seguinte:

A rainha acordou cedo naquela manhã.
– Em uma semana – pensou em voz alta. – Em uma semana, estarei casada.
Isso parecia ao mesmo tempo improvável e extremamente definitivo. Ela ficou se perguntando como se sentiria na condição de esposa. Seria o fim de sua vida, concluiu, se a vida fosse um tempo de escolhas. Em uma semana não teria mais o que escolher. Reinaria sobre seu povo. Teria filhos. Talvez morresse durante o parto, talvez de velhice, ou em batalha. Mas o caminho para a sua morte, a cada batida de seu coração, seria inevitável. (GAIMAN, 2015, p. 15)

 Por que a ideia de se casar é tão triste para a Rainha?

É desejável que os alunos percebam que a personagem da Rainha relaciona a ideia do casamento ao fim de sua vida porque acredita que será também o fim de sua liberdade de escolhas. Ou seja, uma vez consumada a cerimônia, todos os aspectos de sua vivência já estariam pré-determinados, restando-lhe esperar pela morte.

 A Rainha, portanto, não concorda com a ideia de casamento que muitas das personagens femininas que vimos anteriormente têm. Por quê?

Como já mencionado, grande parte das personagens femininas da Disney e dos contos de fadas, muito por razão da época em que foram concebidas, acreditam que o casamento será seu “final feliz”. Por isso, é tão intensamente desejado pelas mulheres: só serão de fato completas depois do “sim”, quando unida à sua “metade”.

Ainda sobre esse assunto, o professor pode pedir aos alunos que se atentem ao seguinte trecho e então siga com alguns questionamentos concernentes a ele.

Ela mandou buscar o noivo, pediu-lhe que não fizesse cena; disse que ainda se casariam, mesmo ele sendo apenas um príncipe, e ela, uma rainha, e fez cócegas no belo queixo dele, e beijou-o até que ele abrisse um sorriso.
Ela mandou buscar a cota de malha.
Ela mandou buscar a espada.
Ela mandou buscar mantimentos e o cavalo, e em seguida cavalgou palácio afora, em direção ao leste. (GAIMAN, 2015, p. 21)

🗨️ A partir desse trecho, como podemos descrever a relação da Rainha com seu noivo?

Percebe-se aqui que a Rainha não é uma personagem submissa, pelo contrário, a cena deixa implícita a ideia de que o príncipe acaba se sujeitando às vontades dela, ainda que tenha de ser coagido por meio de gracejos por parte de sua companheira. Vale também mencionar que ela não pediu permissão ou propôs um acordo, apenas avisou, sem espaço para questionamento, que partiria em uma missão pouco antes do casamento. O termo “mandou” é constantemente relacionado à personagem nesse trecho, demonstrando sua voz de comando em seu círculo social e traços de sua personalidade forte.

A próxima imagem em destaque é extremamente importante para a discussão sobre “ser e parecer”, que será trabalhada adiante. Assim, sugerimos que o professor dedique especial atenção às respostas dos alunos aos questionamentos a seguir.



Fonte: A Bela e a Adormecida, de Neil Gaiman, 2015

 Como vocês descreveriam essas personagens?

É possível que eles as descrevam como “princesa” e “bruxa”, em consonância com o que as personagens da rainha e dos anões também imaginam. Indicamos que o professor inclusive enfatize esse trecho na leitura para os alunos, marcando bem a ideia preconceituosa por trás do julgamento das personagens com base em suas aparências, como já foi discutido na etapa “ser e parecer”.

– Onde está a princesa?

A velha só ficou olhando para ela.

– E por que você está acordada? – insistiu a rainha.

A velha nada disse. Eles começaram a tagarelar entre si, os homenzinhos e a rainha.

– Será que ela é bruxa? Há magia à sua volta, mas não acho que seja coisa dela.

– Fiquem de olho – pediu a rainha. – Se for bruxa, a bengala pode ser importante. Mantenham-na longe dela. (GAIMAN, 2015, p. 49)

Na sequência, a suposta princesa é despertada pela rainha, “ela aproximou o rosto da mulher adormecida. Seus lábios cor de carmim tocaram a boca cor-de-rosa da outra num beijo prolongado e intenso” (GAIMAN, 2015, p. 49).

Talvez seja necessária uma pequena reflexão sobre essa cena em particular, já que normalmente se atribui o “beijo do despertar” como um ato romântico, o que acaba por idealizar, na verdade, o assédio, isto é, normaliza-se um contato íntimo não consensual usando como justificativa o suposto “amor verdadeiro”: não há problema se uma das partes está inconsciente, desde que se haja com “amor verdadeiro”. No caso da narrativa de Gaiman, não há interesse amoroso envolvido, diferentemente do que normalmente ocorre, porém, ainda é uma ação que se deu de forma não consensual, seguindo, nesse sentido, o modelo dos contos de fadas (A Bela Adormecida e Branca de Neve, por exemplo).

Após o despertar da menina, os alunos descobrirão que a personagem que inicialmente se julgava a princesa era, na verdade, a bruxa responsável pelo feitiço que condenava as pessoas do castelo e de seus arredores, enquanto que a velha, tida como bruxa, costumava ser a jovem princesa daquele reino e, portanto, a verdadeira vítima da história. Assim, há uma quebra de expectativas na narrativa de Gaiman, quando se rompe os estereótipos da princesa e da bruxa. É nesse ponto que

queremos chegar. Para isso, o professor deve dar especial atenção ao trecho e às reações dos alunos quando acontece a revelação.

Outra voz a interrompeu. Era uma voz jovem, de menina, mas soava grave como a de quem acabou de acordar.

– Falei: eu lhe tiro o sono, menina, assim como lhe tiro o poder de me machucar enquanto durmo, pois alguém precisa ficar acordado enquanto descanso. Sua família, seus amigos e seu mundo vão dormir também. Então me deitei e adormeci, e eles também, e à medida que cada um pegava no sono eu roubava um pouco da vida deles, um pouco dos seus sonhos, e, à medida que eu repousava, recuperava minha juventude, minha beleza e meu poder. Eu dormi e fiquei mais forte. Desfiz os efeitos do tempo e criei para mim um mundo de escravos adormecidos (GAIMAN, 2015, p. 52).

A leitura seguirá até o desfecho da história, em que outras expectativas dos alunos podem ser quebradas (justamente porque costuma-se esperar um “final feliz” nos contos de fadas), tais como:

- A personagem da velha (antiga princesa do reino amaldiçoado) não retorna à sua aparência original. Sua única “recompensa” é que ela finalmente pôde recuperar o sono, roubado pela bruxa.
- A Rainha opta por não retornar ao castelo quando percebe que não precisava se submeter a uma vida pré-determinada, como costumava pensar, “*Existem escolhas*, pensou ela quando já estava sentada ali por algum tempo. *Existem sempre escolhas*” (GAIMAN, 2015, p. 66). O “final feliz”, portanto, não está relacionado à união matrimonial com o príncipe, como acontece em grande parte dos contos de fadas, dado que o retorno ao castelo está intimamente ligado ao ato do casamento, no caso da personagem Rainha.

Ao fim do conto, o professor pedirá que os alunos abram seus diários de leitura e registrem os seguintes pontos:

- O que mais te surpreendeu no conto que lemos “A bela e a adormecida”? Por quê?
- Escreva suas impressões (o que achou) sobre as principais personagens da história de Neil Gaiman.
- No seu ponto de vista, essas personagens são mais planas ou mais redondas? Explique sua resposta.

- A partir dos seus conhecimentos sobre os arquétipos de personagens que estudamos anteriormente, tente identificar alguns arquétipos de personagem que apareceram na narrativa e comente por que chegou a essa conclusão.
- Nessa história, todas as personagens realmente são o que parecem ser? Justifique.

Momento 4 – Autoanálise e reescrita

O objetivo principal deste momento é que os alunos questionem suas próprias personagens a partir da proposta de reescrita da ficha de personagem e, conseqüentemente, reflitam sobre seus modelos femininos em comparação com os modelos que lhes foram apresentados. Estimamos que duas a três aulas serão suficientes para o cumprimento desta seção.

Assim, o professor dará uma nova ficha, o mesmo modelo daquela usada na produção inicial, que será colada, tal qual feito anteriormente, no diário de leitura dos alunos. Então, os alunos deverão repensar suas personagens a partir dos novos conhecimentos adquiridos e modificar aquilo que julgarem necessário nelas, ou mesmo começar do zero, se assim desejarem.

O professor deverá recolher novamente esses diários e fazer uma nova análise, tanto da produção final em si (segunda ficha de personagem, de forma semelhante àquela feita na produção inicial), quanto dos resultados da produção final em comparação com os dados da produção inicial (primeira ficha de personagem), bem como dos modelos mais exaltados ou comentados durante as fases anteriores.

A análise dos dados é essencial na medida que é compreendida como um processo de avaliação dos alunos. Faz-se, necessário, portanto, que o professor transforme

aquilo que os números e os dados registram em um universo pleno de significados. [...] a avaliação é um trabalho simbólico por definição. Além da produção de sentidos e juízos de valor, deve levar a tomadas de decisão, ações, à transformação social, enfim. (MARCURSCHI e SUASSUNA, 2007)

Nesse sentido, será interessante que o professor verifique, por exemplo, se houve um aumento no número geral de personagens femininas, se houve maior diversidade na aparência física delas, nas características psicológicas ou nos traços, se a sua postura frente à situação hipotética alterou e, finalmente, se o modelo geral de personagem feminina apresentado pela turma sofreu alguma

transformação significativa, como é esperado, resultando em uma mesclagem com os outros modelos culturais e literários apresentados ao alunos durante o exercício da intervenção.

Por fim, indicamos que os resultados, após a análise de dados das produções finais, sejam expostos (de forma cuidadosa, isto é, sem críticas que venham a criar barreiras para o desenvolvimento escolar e pessoal dos alunos) para a turma de forma que a própria turma possa fazer deliberações a respeito deles, a fim de que se possa discutir e refletir sobre seus significados com os alunos.

Só para finalizar

Esta atividade foi idealizada de maneira a viabilizar a reflexão sobre a situação da mulher em nossa sociedade e oportunizar o contato dos alunos com diferentes modelos femininos. E, como fui “muito bem letrada” em Disney e contos de fadas durante toda a minha vida, acabei escolhendo o nicho das princesas, dos príncipes, das bruxas e das criaturas fantásticas, aproveitando-me também do fato de que todos esses seres costumam estar presentes no imaginário da maioria das pessoas, com imagens até “bem definidas” de como eles deveriam ser e se comportar. Imagina o choque quando se descobre que essas personagens podem não seguir essa “apostila”?

Contudo, você pode se sentir à vontade para adaptar nossa proposta ao seu universo e ao universo de seus alunos. Pode explorar um tema ou não se limitar a um, pode criar personagens de maneira individual ou em grupos (com alunos do mesmo gênero ou misturados em maior, menor ou igual quantidade de cada um deles), pode reorganizar os tópicos da ficha, propor uma nova situação hipotética, enfim. De toda maneira, a nossa ideia em compartilhar este trabalho não é engessá-lo ao formato proposto, mas inspirar uma prática pedagógica que se baseia na realidade e pretende intervir em problemas pontuais que surgirem nesse contexto, voltada para a transformação da nossa realidade e para a ampliação dos horizontes de alunas e alunos sobre a forma como eles visualizam essa realidade, tornando possível que eles imaginem o mundo de outras formas além daquela à qual já foram apresentados.

Com isso, bons trabalhos.

Referências

- ADOROCINEMA. Branca de Neve e os Sete Anões. 2021. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-27524/>. Acesso em: 01 jan. 2021.
- ADOROCINEMA. Sinopse Moana - Um Mar de aventuras. 2021. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-225958/>. Acesso em: 01 jan. 2021.
- BARTHES, Roland [et al.]. **Análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zélia Barbosa. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.
- ESTADO DE MINAS. **Quase metade dos lares brasileiros são sustentados por mulheres**: percentual de casas com comando feminino salta de 25% em 1995 para 45% em 2018, com inserção no mercado de trabalho. Percentual de casas com comando feminino salta de 25% em 1995 para 45% em 2018, com inserção no mercado de trabalho. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/02/16/internas_economia,1122167/quase-metade-dos-lares-brasileiros-sao-sustentados-por-mulheres.shtml. Acesso em: 01 jan. 2021.
- FORSTER, E. M. **Aspectos do Romance**. Organização Oliver Stallybrass; tradução Sergio Alcides; prefácio Luiz Ruffato. – 4. ed. rev. – São Paulo: Globo, 2005.
- GAIMAN, Neil. **A Bela e a Adormecida**. 1. ed. São Paulo: Rocco Jovens Leitores, 2015.
- GRIMM, J. & GRIMM, W. **Branca de Neve**. In: TATAR, M. & BORGES, M. L. X. (tradução). **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2010.
- MARCURSCHI, Beth; SUASSUNA, Livia. **Avaliação em língua portuguesa**: contribuições para a prática pedagógica / organizado por Beth Marcurschi e Livia Suassuna . — 1 ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica , 2007.
- VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: Estrutura Mítica para Escritores**. São Paulo: Editora Aleph, 2015.

Referências Fílmicas

- BEAUTY and the Beast. Direção de Gary Trousdale, Kirk Wise. Produção de Don Hahn. Realização de Howard Ashman. Intérpretes: David Ogden Stiers (narração), Paige O'hara, Robby Benson, Richard White, Jerry Orbach, Angela Lansbury, David Ogden Stiers, Bradley Michael Pierce, Jesse Corti, Rex Everhart, Rick Jones. Roteiro: Linda Woolverton. Música: Alan Menken, Howard Ashman. [s.i.]: Walt

Disney Feature Animation, Walt Disney Pictures, Silver Screen Partners Iv, 1991. (84 min.), VHS, son., color. Versão brasileira "A Bela e a Fera".

BRAVE. Direção de Mark Andrews, Brenda Chapman, Steve Purcell (codireção). Produção de Katherine Sarafian. Realização de Pete Docter, John Lasseter, Andrew Stanton. Intérpretes: Kelly Macdonald, Billy Connolly, Emma Thompson, Julie Walters, Kevin Mckidd, Craig Ferguson, Robbie Coltrane, John Ratzenberger. Roteiro: Mark Andrews, Steve Purcell, Brenda Chapman, Irene Mecchi. Música: Patrick Doyle. [s.i.]: Walt Disney Pictures, Pixar Animation Studios, 2012. (93 min.), DVD, BD, son., color. Versão brasileira "Valente".

FOWLER, Beth; NIXON, Marni; SALONGA, Lea. **Honor To Us All**. Em *Mulan*. Escrita por Matthew Wilder e David Zippel. Walt Disney: 1998. VHS (3:03). Versão brasileira "Honra a todas nós" de Marcelo Coutinho.

FROZEN. Direção de Chris Buck, Jennifer Lee. Produção de Peter del Vecho. Realização de John Lasseter. Intérpretes: Kristen Bell, Jonathan Groff, Santino Fontana, Josh Gad, Idina Menzel, Alan Tudyk. Roteiro: Jennifer Lee. Música: Christophe Beck (orquestral), Kristen Anderson-lopez (canções), Robert Lopez (canções). [s.i.]: Walt Disney Animation Studios, 2013. (102 min.), DVD, BD, son., color.

FOWLER, Beth; NIXON, Marni; SALONGA, Lea. **Honor To Us All**. Em *Mulan*. Escrita por Matthew Wilder e David Zippel. Walt Disney: 1998. VHS (3:03). Versão brasileira "Honra a todas nós" de Marcelo Coutinho.

FROZEN. Direção de Chris Buck, Jennifer Lee. Produção de Peter del Vecho. Realização de John Lasseter. Intérpretes: Kristen Bell, Jonathan Groff, Santino Fontana, Josh Gad, Idina Menzel, Alan Tudyk. Roteiro: Jennifer Lee. Música: Christophe Beck (orquestral), Kristen Anderson-lopez (canções), Robert Lopez (canções). [s.i.]: Walt Disney Animation Studios, 2013. (102 min.), DVD, BD, son., color.

MOANA. Direção de Ron Clements, John Musker. Produção de Osnat Shurer. Realização de John Lasseter. Intérpretes: Auli'i Cravalho, Dwayne Johnson. Roteiro: Jared Bush. Música: Mark Mancina, Opetia Foa'i, Lin-manuel Miranda. [s.i.]: Walt Disney Animation Studios, 2016. (107 min.), DVD, BD, son., color. Versão brasileira "Moana - Um Mar de Aventuras".

MULAN. Direção de Tony Bancroft, Barry Cook. Produção de Pam Coats. Intérpretes: Ming-na, Eddie Murphy, B.d. Wong, Miguel Ferrer, Harvey Fierstein, George Takei, Pat Morita, David Ogden Stiers. Roteiro: Rita Hsiao, Chris Sanders, Philip Lazebnik, Raymond Singer, Eugenia Bostwick-singer. Música: Jerry Goldsmith, Matthew Wilder (Letras), David Zippel (Letras). [s.i.]: Walt Disney, 1998. (95 min.), VHS, son., color.

POCAHONTAS. Direção de Mike Gabriel, Eric Goldberg. Produção de James Pentecost. Intérpretes: Irene Bedard, Mel Gibson, David Ogden Stiers, Billy Connolly, Frank Welker, Christian Bale, Linda Hunt. Roteiro: Carl Binder, Susannah Grant, Philip Lazebnik. Música: Alan Menken, Stephen Schwartz. [s.i.]: Walt Disney Feature Animation, Walt Disney Pictures, 1995. (81 min.), VHS, son., color.

SNOW White and the Seven Dwarfs. Direção de David Hand. Produção de Walt Disney. Intérpretes: Adriana Caselotti, Harry Stockwell, Lucille La Verne, Moroni Olsen, Billy Gilbert, Pinto Colvig, Eddie Collins, Otis Harlan, Scotty Matraw, Roy Atwell, Stuart Buchanan. Roteiro: Dorothy Ann Blank, Richard Creedon, Merrill de Maris, Ted Sears, Otto Englander, Earl Hurd, Dick Rickard, Webb Smith. Música: Frank Churchill, Paul Smith, Leigh Harline. [s.i.]: Walt Disney Productions, 1937. (83 min.), VHS, son., color. Versão brasileira "Branca de Neve e os Sete Anões".

THE Little Mermaid. Direção de Ron Clements, John Musker. Produção de John Musker, Howard Ashman. Intérpretes: Jodi Benson, Samuel E. Wright, Pat Carroll, Kenneth Mars, Buddy Hackett, Christopher Daniel Barnes. Roteiro: Ron Clements, John Musker. Música: Alan Menken, Howard Ashman (letras), Gregor Narholz. [s.i.]: Walt Disney Productions, 1989. (83 min.), VHS, son., color. Versão brasileira "A Pequena Sereia".

THE Princess and the Frog. Direção de Ron Clements, John Musker. Realização de Peter del Vecho, John Lasseter. Intérpretes: Anika Noni Rose, Oprah Winfrey, Keith David, Jenifer Lewis, John Goodman, Bruno Campos, Terrence Howard, Tyra Banks. Roteiro: Ron Clements, John Musker, Rob Edwards. Música: Randy Newman. [s.i.]: Walt Disney Pictures, Walt Disney Animation Studios, 2009. (89 min.), DVD, son., color. Versão brasileira "A princesa e o Sapo".

